



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO  
LINHA DE PESQUISA: ENSINO E FORMAÇÃO DE  
EDUCADORES**

**JOSEANE PINHO CORRÊA**

**A ARTE DE ENSINAR A CAPOEIRA, NA RODA E NA VIDA:  
Pedagogia da Capoeiragem de Norival Moreira de Oliveira – Mestre  
Nô**



**ILHA DE SANTA CATARINA  
2018**



**JOSEANE PINHO CORRÊA**

**A ARTE DE ENSINAR A CAPOEIRA, NA RODA E NA VIDA:  
Pedagogia da Capoeiragem de Norival Moreira de Oliveira – Mestre  
Nô**

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Educação do Centro de Ciências da Educação da Universidade Federal de Santa Catarina, linha Ensino e Formação de Educadores, para a obtenção do grau de Mestra em Educação, sob a orientação da Professora Doutora Joana Célia dos Passos.

**ILHA DE SANTA CATARINA  
2018**

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,  
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Corrêa, Joseane Pinho

A arte de ensinar a capoeira, na roda e na vida  
: Pedagogia da Capoeiragem de Norival Moreira de  
Oliveira - Mestre Nô / Joseane Pinho Corrêa ;  
orientadora, Profª Drª Joana Célia dos Passos ,  
2018.

111 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de  
Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação,  
Programa de Pós-Graduação em Educação, Florianópolis,  
2018.

Inclui referências.

1. Educação. 2. Capoeira. 3. Cultura Afro  
brasileira. 4. Educação Popular. 5. Mestre Nô. I. ,  
Profª Drª Joana Célia dos Passos. II. Universidade  
Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação  
em Educação. III. Título.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO  
CURSO DE MESTRADO EM EDUCAÇÃO

“A ARTE DE ENSINAR A CAPOEIRA, NA RODA E NA VIDA: PEDAGOGIA DA CAPOEIRAGEM DE NORIVAL MOREIRA DE OLIVEIRA: MESTRE NÓ”

Dissertação submetida ao Colegiado do Curso de Pós-Graduação em Educação do Centro de Ciências da Educação em cumprimento parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação.

APROVADO PELA COMISSÃO EXAMINADORA em 05/07/2018

Drª Joana Célia dos Passos (PPGE/CED/UFSC - Orientadora)  
Dr Rossano Lopes Bastos (IPHAN/SC - Examinador)  
Dr Carlos Alberto Silva (FURB/SC - Examinador)  
Drª Maria Herminia Laffin (PPGE/CED/UFSC - Examinadora)  
Dr Chistian Muleka Mwewa (UFMS/MS – Suplente)

JOSEANE PINHO CORRÊA

FLORIANÓPOLIS/SANTA CATARINA/JULHO/2018

Prof. Elison Antonio Palm  
Coordenador do PPGE/CED/UFSC  
Portaria nº 1934



*"Meu coração está aos pulos!  
Quantas vezes minha esperança será posta à prova?  
Por quantas provas terá ela que passar?  
Tudo isso que está aí no ar, malas, cuecas que voam  
entupidas de dinheiro, do meu dinheiro, que reservo  
duramente para educar os meninos mais pobres que eu,  
para cuidar gratuitamente da saúde deles e dos seus  
pais, esse dinheiro viaja na bagagem da impunidade  
e eu não posso mais.  
Quantas vezes, meu amigo, meu rapaz, minha confiança  
vai ser posta à prova?  
Quantas vezes minha esperança vai esperar no cais?  
É certo que tempos difíceis existem para aperfeiçoar o  
aprendiz, mas não é certo que a mentira dos maus  
brasileiros venha quebrar no nosso nariz.  
Meu coração está no escuro, a luz é simples, regada ao  
conselho simples de meu pai, minha mãe, minha avó e  
dos justos que os precederam: 'Não roubarás',  
'Devolva o lápis do coleguinha',  
'Esse apontador não é seu, minha filhinha'.  
Ao invés disso, tanta coisa nojenta e torpe tenho tido que escutar.  
Até habeas corpus preventivo, coisa da qual nunca  
tinha visto falar e sobre a qual minha pobre lógica  
ainda insiste: esse é o tipo de benefício que só ao culpado interessará.  
Pois bem, se mexeram comigo, com a velha e fiel fé do  
meu povo sofrido, então agora eu vou sacanear:  
mais honesta ainda vou ficar. Só de sacanagem!  
Dirão: 'Deixa de ser boba, desde Cabral que aqui todo  
o mundo rouba' e eu vou dizer: Não importa, será esse  
o meu carnaval, vou confiar mais e outra vez.  
Eu, meu irmão, meu filho e meus amigos, vamos pagar limpo a  
quem a gente deve e receber limpo do nosso freguês.  
Com o tempo a gente consegue ser livre, ético e o escambau.  
Dirão: 'É inútil, todo o mundo aqui é corrupto, desde  
o primeiro homem que veio de Portugal'.  
Eu direi: Não admito, minha esperança é imortal.  
Eu repito, ouviram? **IMORTAL!**  
Sei que não dá para mudar o começo mas, se a gente  
quiser, vai dá para mudar o final!"*  
Elisa Lucinda

Recitado lindamente por Joana Célia dos Passos, em 05 de julho de 2018.





## AGRADECIMENTOS

*A vida é a arte do encontro,  
embora haja tantos desencontros pela vida...  
(Vinicius de Moraes)*

Para a realização deste trabalho, vivi encontros que muito me ajudaram nessa caminhada.

O sentimento é de profunda gratidão.

Agradeço ao Mestre Nô, por sua vida dedicada à capoeira. Uma honra ser sua aluna.

À querida professora Joana Passos, mulher guerreira, minha orientadora, por sua paciência, dedicação, carinho e o apoio recebido.

Às professoras Patrícia de Moraes Lima, Eliane Debus e o professor Juarez Thiesen da Linha Ensino e Formação de Educadores, pela oportunidade que dão aos profissionais que trabalham na base da educação.

Ao professor Jacques Mick do Programa de Pós Graduação da Sociologia Política, pela excelência de suas aulas sobre os problemas do Brasil contemporâneo.

Pelas contribuições e palavras de incentivo de Rossano Bastos, Patrícia Lima, Muleka Mwewa, Carlos Alberto Silva e Maria Hermínia Laffin, nas bancas de qualificação e defesa desta dissertação.

Ao “Bonde das Pretas”, Camila, Iva, Liz, Tati e Zâmbia pela parceria e amizade.

À camarada e irmã Jeruse Romão, que muito me inspira e ensina com seu exemplo de vida.

Ao Francisco Emílio Medeiros pelas orientações no processo de seleção.

Ao amigo Paulo do Canto Capela, camarada de muitas lutas.

Ao reencontro com o querido Nado Gonçalves, que muito me ensina sobre o nosso boi de mamão e as danças populares brasileiras.

À professora Sandra Regina Pires pela gentileza de ensinar a arte do Pão por Deus.

Aos meus irmãos Marco Baiano, Kiko e os “Águias” Pinguim, Paulinho, Tartaruga, Binho, Arlindo e Patrícia, pelas muitas “papoeiras” virtuais e por compartilharem documentos e imagens para a pesquisa. Vocês moram no meu coração!

Ao Alemão, por ter me ensinado o sentido de ser uma capoeira.

Ao meu padrinho Bolita, que mesmo longe está sempre perto!

Aos camaradas do Fórum da Capoeira da Grande Florianópolis,  
que me dão força para a luta!

Ao meu mano Pinóquio, seus movimentos, cantoria e pensamentos  
muito me inspiram.

Danuza, amiga e irmã que a capoeira me deu, sempre presente na  
minha vida!

Minha mãe Maria e meu pai Arnaldo (*in memoriam*), que me  
ensinaram amar a vida.

Minha família, Neto, Pedro e Helena, por compreenderem e me  
apoiarem por ser uma Capoeira.

Aos Mestres e Capoeiras que lutam por um mundo melhor!

Dedico este trabalho ao Mestre Nô!  
Odoyá!



\* Versos adaptados do livro *Pão por Deus: Vivo na Cultura Brasileira*, de Maria Mannrich, Editora da UFSC, 2007. Pão por Deus são poemas populares de uma tradição de origem açoriana quase esquecida do litoral e Ilha de Santa Catarina.



## RESUMO

*“Capoeira na Roda, Capoeira na Vida”  
(Mestre Nô)*

Norival Moreira de Oliveira, Mestre Nô, foi o primeiro educador popular e mestre de capoeira a receber o título de Notório Saber na UFSC, no ano de 2016. Sua trajetória deve estar registrada nesta universidade. Esta pesquisa teve como objetivos analisar o modo de ensino da capoeira criado por Mestre Nô, levantar e caracterizar seus princípios didáticos, seus valores humanísticos e seus conhecimentos históricos; registrar sua trajetória de vida e refletir as ideias e ações de sua prática pedagógica; por fim, relacionar elementos teóricos da pedagogia de Paulo Freire com o ensino da capoeira. Através da história oral e análise de vídeos de aulas do Mestre Nô, utilizou-se princípios metodológicos da pesquisa qualitativa. Esta é uma pesquisa militante, pois a pesquisadora está identificada organicamente com a vida do sujeito, promovendo uma ação política de formação e atuação mais crítica no mundo da capoeiragem. A capoeira como educação popular é um movimento político e cultural de resistência, quando praticada de forma crítica. A Pedagogia da Capoeiragem é forjada na experiência dos mestres, sujeitos pedagógicos, educadores da cultura, guardiões de saberes e fazeres tradicionais. A visão do processo de ensino e aprendizagem de Mestre Nô é de emancipação. É um educador em movimento, imerso no mundo da capoeiragem, traz as suas experiências e humaniza suas práticas. O mestre de capoeira é aquele que permite que seus saberes sejam transmitidos. Mestre Nô ensina e aprende, tem uma liderança revolucionária, coloca na prática a capoeira no contexto da vida. Mestre Nô fez da capoeira sua escola, que lhe deu sabedoria e uma filosofia, transmitida aos seus alunos. A Pedagogia da Capoeiragem, como nos ensina Mestre Nô, acontece na roda e na vida. É insurgente, rebelde. Nesta “volta ao mundo”, somos camaradas e devemos estar do lado dos oprimidos, acreditar que é possível revolucionar, sonhar com um mundo melhor, lutar para a transformação da nossa realidade. E a capoeira é um “campo de mandinga” e fonte inesgotável de saberes.

**Palavras-chave:** Capoeira. Cultura Afro-brasileira. Educação Popular. Mestre Nô.



## ABSTRACT

Norival Moreira de Oliveria, the Mestre Nô, is the first people's educator and capoeira angola master to receive the title of Notório Saber from UFSC, in the year of 2016. His history must be recorded in this univerty. This work had as its aims to analyze the method of teaching capoeira created by Mestre Nô, to gather and characterize his didactic principles, his humanistic values and his historical knowledges; to record his life trajectory and to reflect upon the ideas and actions of his pedagogical practice; and lastly, to relate the theoretical elements of Paulo Freire's pedagogy with the instruction of capoeira. The methodological principles of qualitative research have been used through the oral history and video analysis of Mestre Nô's lessons. This is an militant research, as the researcher is organically identified with the subject's life, promoting a more critical educative political action and practice in the world of capoeira. The capoeira as people's education is an politcal and cultural resistance movement, that is, when practiced in a critical form. The capoeira's pedagogy is forged with the masters', pedagogical subjects', cultural educators' and traditional wisdom and know-how keepers' experience. The outlook of Mestre Nô's teaching and learning process is an emancipatory one. He is an educator on the move, immersed in the world of capoeira, he brings along his experiences and humanizes his practices. The master of capoeira is he who lets his knowledge be passed on, Mestre Nô teaches and learns, he has an revolutionary leadership, he puts capoeira in practice in the context of life. Mestre Nô has made capoeira his school, and this has given him wisdom and an philosophy, which is passed on to his pupils. The capoeira's pedagogy, as Mestre Nô teaches us, takes place in the roda and in life. It is an insugent one, an rebel one. In this "volta ao mundo", we are comrades and we must be on the side of the oppressed, we must believe that is possible to revolutionize, to dream a better world, to fight for the transformation of our reality. Capoeira is a "field of mandinga" and inexhaustible source of wisdom.

**Keywords:** Capoeira. Afro-Brazilian Culture. People's Education. Mestre Nô.





## LISTA DE FIGURAS

Capa - Arte de Manoel Alair Knabben Júnior (Contramestre Kiko), 2016. Pão por Deus são poemas populares de uma tradição de origem açoriana quase esquecida do litoral e Ilha de Santa Catarina. ....	11
Figura 1 – Mestre Nô e Alemão. I Batismo de Capoeira Ajagunã de Palmares (Ao fundo, Alfredo e Macaô) .....	24
Figura 2 – Meu Batismo .....	24
Figura 3 – Com Mestre Nô.....	26
Figura 4 - Navio Negreiro .....	36
Figura 5 - Zumbi .....	38
Figura 6 - Capoeira.....	41
Figura 7 - Diploma .....	57
Figura 8 – Logo do Grupo Capoeira Angola Palmares, criado por Mestre Nô.....	58
Figura 9 - Com os Águias Pinguim, Arlindo, Tartaruga e Paulinho .....	59
Figura 10 – Mapa da Capoeira Angola Palmares no Mundo .....	61
Figura 11 - Homenagem ao Mestre Nô na inauguração do seu Centro Acadêmico.....	62
Figura 12 - Certificado IPHAN .....	63
Figura 13 - I Batismo de Capoeira Ajagunã de Palmares. <i>Na bateria, os Mestres João Pequeno, Nô e Lázaro.</i> .....	65
Figura 14 - Aula de Mestre Nô no CEFID/UEDESC .....	66
Figura 15 - Homenagem do CED/UFSC.....	69
Figura 16 - Solenidade do Notório Saber na UFSC .....	71
Figura 17 – Cartaz Seminário 2016.....	74
Figura 18 - Aula 1 do Mestre Nô .....	76
Figura 19 - Aula 2 do Mestre Nô .....	79
Figura 20 - Aula sobre os sinais gráficos dos toques do berimbau .....	82
Figura 21 – Aula 3 do Mestre Nô.....	84



## LISTA DE SIGLAS

ABCA	Associação Brasileira de Capoeira Angola
ANPEd	Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação
ANPEd Sul	Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação Região Sul
BDTD	Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CDS	Centro de Desportos
CED	Centro de Ciências da Educação
CEFID	Centro de Ciências da Saúde e do Esporte
CFH	Centro de Filosofia e Ciências Humanas
CUN	Conselho Universitário
DP	Domínio Público
FAM	Florianópolis Audiovisual Mercosul
IPHAN	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
PPGE	Programa de Pós-graduação em Educação
UDESC	Universidade do Estado de Santa Catarina
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina
UNESCO	Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura
UNISINOS	Universidade do Vale do Rio dos Sinos



## SUMÁRIO

<b>“ESSA ARTE QUE ME ENCANTA”: CAPOEIRA .....</b>	<b>23</b>
JOGANDO NA RODA DA ACADEMIA.....	27
MAPEAMENTO.....	29
<b>CAPÍTULO 1 - VAMOS “SIMBÓRA”, CAMARADA: CAPOEIRA NA LUTA.....</b>	<b>35</b>
1.1 “A HISTÓRIA NOS ENGANA...” .....	35
1.2 CAPOEIRA: LUTA DE NEGRO EM “ÂNSIA DE LIBERDADE” .....	40
1.3 PEDAGOGIA DA CAPOEIRAGEM .....	48
<b>CAPÍTULO 2 - “O CAMPO DE MANDINGA E A FONTE DOS SABERES”.....</b>	<b>55</b>
2.1 A VOLTA AO MUNDO DE MESTRE NÔ .....	55
2.2 “EU APRENDI A JOGAR CAPOEIRA DE ANGOLA NA BEIRA DO MAR”: DA ILHA DE ITAPARICA À ILHA DE SANTA CATARINA .....	63
<b>CAPÍTULO 3 - “CAPOEIRA NA RODA, CAPOEIRA NA VIDA” .....</b>	<b>73</b>
3.1 “O MEU MESTRE ME ENSINOU A JOGAR CAPOEIRA”: SABERES E FAZERES DE MESTRE NÔ.....	73
3.2 IÊ VIVA MEU MESTRE! (CONSIDERAÇÕES FINAIS).....	84
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>91</b>
<b>APÊNDICES.....</b>	<b>99</b>
APÊNDICE A - ROTEIRO DAS ENTREVISTAS COM MESTRE NÔ .....	100
APÊNDICE B - ROTEIRO ENTREVISTA ALUNOS .....	102
APÊNDICE C - TERMO DE CONSENTIMENTO .....	103
<b>ANEXOS .....</b>	<b>107</b>



## “ESSA ARTE QUE ME ENCANTA”: CAPOEIRA

*Essa arte me encanta, eu não quero mais sair  
Ó Bendita capoeira, que vem lá dos ancestrais  
Salve, salve o meu mestre, quem me ensinou o ABC  
Deus lhe salve, Deus lhe ajude, nunca mais vou lhe esquecer...  
Vou girar o mundo...  
(Música de Mestre Tonho Matéria, 2002)*

Minha vida é capoeira e eu sou Capoeira!

Tudo começou no ano de 1987, cursando Educação Física na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), quando conheci o também acadêmico do curso e capoeira Carlos Alberto Dal Molin Silva, o Contramestre Alemão. O contato que tive com a capoeira na infância transformara-se em lembranças do professor João Nilson, do Morro da Covanca, hoje Vila Aparecida, em Florianópolis. Conheço João desde criança, quando ele dava aula de capoeira na Escola Básica Estadual Presidente Roosevelt, onde eu estudava na década de 1970. Também sempre via seu grupo de Boi de Mamão<sup>1</sup> pelas ruas de Coqueiros, bairro de Florianópolis, onde moro. Certa vez, fiquei emocionada com uma história que contou, que esteve perdida em minha memória. Lembrava de mim, uma menina muito magrinha e pequena, que ficava espiando a aula da porta da sala. Ficava imaginando porque não entrava e praticava a capoeira. Minha mãe não me deixava participar de atividades extraescolares, ainda mais uma atividade considerada de menino. Com esta lembrança esquecida, tive a certeza que meu destino desde criança era ser uma Capoeira!

No dia 6 de dezembro de 1987, no restaurante da UFSC, assisti ao I Batismo de Capoeira Ajagunã de Palmares, um grande momento da capoeira da Ilha de Santa Catarina. Como bolsista da Associação Atlética Acadêmica, acompanhei a organização deste evento vendendo adesivos e camisetas. Foi a primeira vez que tivemos a presença de Norival Moreira de Oliveira, Mestre Nô, importante para a nossa capoeiragem, pois trazia a capoeira da Bahia para a nossa cidade. Alemão, através da organização e de seu trabalho com a capoeira, foi o idealizador da vinda de Mestre Nô e de outros grandes mestres baianos à Ilha.

Lembro bem da emoção que senti ao assistir ao evento, dos mestres jogando, das crianças sendo batizadas. Naquele dia recebi um presente da Associação Atlética: um berimbau das mãos de Mestre Nô, confeccionado por ele, que guardo até hoje! Assim conheci Mestre Nô.

---

<sup>1</sup> Boi de mamão é um folguedo da cultura popular de Santa Catarina.

Figura 1 – Mestre Nô e Alemão. I Batismo de Capoeira Ajagunã de Palmares (Ao fundo, Alfredo e Macaô)



Fonte: Acervo Alemão, 1987.

Em 5 de abril de 1988, iniciei na capoeira participando das aulas ministradas pelo contramestre Alemão, no antigo ginásio de alumínio do Centro de Desportos (CDS) da UFSC. Na época haviam poucas mulheres na capoeira de Florianópolis. Entrei para o grupo Ajagunã de Palmares, filiado à Associação Brasileira Cultural de Capoeira Angola Palmares, e coordenado por Mestre Nô.

Figura 2 – Meu Batismo



Fonte: Arthur Gonçalves, 1988.



Ô moça que vende aí, ô moça que vende aí  
 É arroz do Maranhão  
 Sô discípulo que aprendo  
 Sô Mestre que dou lição  
 Em roda de capoeira  
 Dai-me um aperto de mão

(*Cantiga de capoeira. Domínio Público*)

Agachados para a saída do jogo, Mestre João Pequeno cantou a música acima e me batizou. Ainda hoje sinto a energia daquele momento mágico, de forte emoção. O dia também era especial: 20 de novembro de 1988, Dia de Zumbi, da Consciência Negra e aniversário do Grupo Capoeira Angola Palmares. Mestre Nô no comando da roda, com a marcante presença de outros grandes mestres, como Ferreirinha (*in memorian*), Bobó (*in memorian*), Curió, Boa Gente, Lázaro e Brulino (*in memorian*).

Ao final do jogo, recebo um carinhoso abraço do Mestre João Pequeno e uma flor de meu padrinho Bolita!

Ai meu Mestre me disse um dia, menina preste  
 atenção  
 Vou lhe ensinar a capoeira, tenha muita devoção  
 Capoeira é uma arte, é credence popular  
 Capoeira faz com o tempo e o tempo vai demorar  
 Vai crescendo e treinando, pro seu corpo aprimorar  
 Minha vida é capoeira e eu sou Capoeira...

(*Música de Mestre Khorvão (in memorian), Rio de Janeiro*)

Em novembro de 2013, no lugar onde tudo começou, ginásio do CDS da UFSC, recebi a graduação de contramestra. Dia de muito Axé! Mestres e contramestres presentes: Felipe Santiago, Brulino (*in memorian*), Ivonei, Monsueto (*in memorian*), Alemão, Pinóquio, Pop, Dindo, Polegar, Danuza, Sasquate, Giane, Lore, Gulliver, Lázaro e Mestre Nô.

Nesta caminhada como integrante do Grupo Capoeira Angola Palmares, venho seguindo na luta no mundo da capoeiragem. São três décadas aprendendo, ensinando e vivendo a capoeira, orientada pelos fundamentos e conhecimentos transmitidos pelo Mestre Nô.

Muitos mestres<sup>2</sup> passaram pela Ilha de Santa Catarina, sempre deixando alguma contribuição. Um deles marcou corpos e corações de

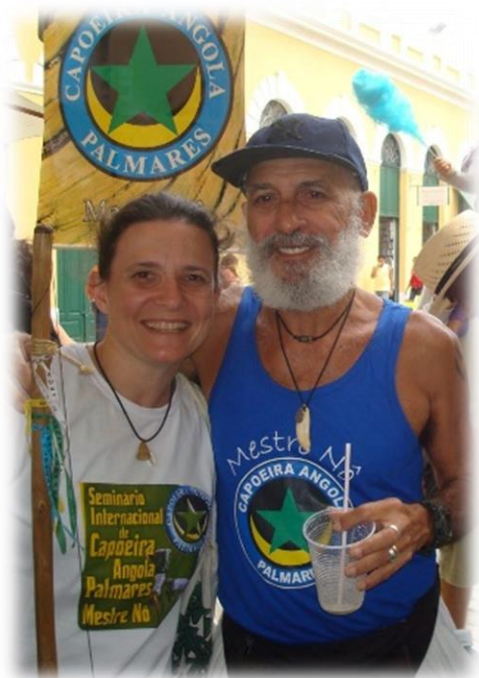
---

<sup>2</sup> Mestres como João Pequeno (*in memorian*), Ferreirinha (*in memorian*), Bobó (*in memorian*), Curió, Boa Gente, Brulino (*in memorian*), Bom Cabrito (*in*

muitos capoeiras: Norival Moreira de Oliveira, o Mestre Nô. Sua história é de um educador que viveu à margem da educação formal. Sua atuação é marcante na capoeira há décadas, contribuindo para a formação de mestres, contramestres e professores através de um processo educativo de ensino-aprendizagem dos fundamentos tradicionais da capoeira, colaborando significativamente para a preservação e o desenvolvimento desta manifestação da cultura popular afro-brasileira.

Estudar, registrar, resguardar a memória do modo de ensinar a capoeira de Mestre Nô tornou-se relevante, por ser a capoeira uma prática pedagógica transformadora.

Figura 3 – Com Mestre Nô



Fonte: Arquivo pessoal, 2011.

---

*memorian*), Mala (*in memorian*), Bigodinho (*in memorian*), Nestor Capoeira, Bandeira, Levi, Casquinha, Lua Rasta, Lázaro, Monsueto (*in memorian*), Macaô (*in memorian*), Dindo, Gulliver, Alfredo, Dentinho, Ivonei, Virgílio, Felipe, entre muitos outros que o Grupo Capoeira Angola Palmares convidou para seus eventos anuais.

## JOGANDO NA RODA DA ACADEMIA

É um grande desafio este estudo que se apresenta, pois como é possível distanciar-se do tema e do sujeito da pesquisa? Minha relação com Norival Moreira de Oliveira, Mestre Nô, sujeito desta pesquisa, é de grande admiração, respeito e amor de aluna para Mestre. Desde sua chegada à Ilha de Santa Catarina, em 1987, com sua presença nos eventos anuais do Grupo Capoeira Angola Palmares, com as minhas viagens à Bahia, participando dos eventos que ele coordena, sempre aprendendo sobre os fundamentos da capoeira nas suas aulas, cursos, seminários e, principalmente, com a convivência na vida. Das cartas e telegramas às redes sociais, três décadas de aprendizado, em contato contínuo para poder amenizar a distância e o tempo que nos separam.

Em 29 de março de 2016, ocorreu um fato histórico: Mestre Nô recebeu o título de Notório Saber, o primeiro de um capoeira e de um educador popular na UFSC. Mestre Nô teve seu trabalho reconhecido! Após vinte anos distante da academia, foi a minha motivação para retornar e registrar sua trajetória, compreender melhor sua maneira de ensinar a capoeira.

A presente pesquisa teve como objetivos analisar o modo de ensino da capoeira criado por Mestre Nô, levantar e caracterizar seus princípios didáticos, seus valores humanísticos e seus conhecimentos históricos; registrar sua trajetória de vida; analisar, documentar e refletir as ideias e ações de sua prática pedagógica; por fim, relacionar elementos teóricos da pedagogia de Paulo Freire com o ensino da capoeira.

Os aspectos do tema de pesquisa até aqui delineados sugerem a adoção de princípios metodológicos do enfoque de pesquisa qualitativa, pois a “abordagem qualitativa parte do fundamento de que há uma relação dinâmica entre mundo real e sujeito, uma interdependência viva entre sujeito e objeto” (CHIZZOTTI, 2006, p. 79). Quer dizer, relacionando esse princípio com a temática da presente proposição de investigação, só é possível retomar, documentar, sistematizar e analisar o modo de ensino da capoeira de Mestre Nô conhecendo em profundidade esse sujeito social e sua relação com a sociedade, via prática da capoeira. Esta é uma pesquisa militante, pois a pesquisadora está identificada organicamente com a vida do sujeito da pesquisa, promovendo uma ação política de formação e atuação mais crítica no mundo da capoeiragem (CHIZZOTTI, 2006).

Para a realização da presente pesquisa, foi necessário recorrer à história oral, conceituada como uma metodologia interdisciplinar para a produção de fontes utilizada em diferentes campos e áreas do

conhecimento afinadas com novas tendências de pesquisa nas ciências humanas. É considerada metodologia, pois consiste dos seguintes procedimentos: projeto de pesquisa; roteiros, preparação, realização e tratamento das entrevistas; interpretação e análise dos materiais produzidos (ALBERTI, 2006).

A metodologia de entrevistar pessoas é um procedimento de produção de fontes para a pesquisa. O processo de rememorar dá maior liberdade aos sentimentos, deixa aflorar o lado emocional. A memória é também produzida de acordo com as condições de vida do narrador, é tecida de lembranças, de dor, de cicatrizes que, por vezes, abrem-se como feridas, de saudade, de poesia, de esquecimentos. A memória é nostálgica, é seletiva. É, acima de tudo, vida, conecta as pessoas ao tempo, o que faz com que sintam vivas ao rememorar aquilo que teve significado em suas vidas (OTTO, 2012, p. 42).

O trabalho de produção de fontes orais foi realizado em três momentos: preparação das entrevistas, sua realização e seu tratamento. Na preparação, o tipo de entrevista escolhido neste trabalho foi o da história de vida, seguido da elaboração dos roteiros (com perguntas abertas) e o contato com o entrevistado. Na realização da entrevista, foi considerado um tempo relativamente longo, um espaço confortável e adequado, bem como, o uso de materiais (gravador, filmadora e caderno de campo). No tratamento das entrevistas: a duplicação da gravação (cópias de segurança), em sequência, a transcrição, edição, interpretação e análise (ALBERTI, 2006).

Além das histórias orais, tão expressivas na capoeira e na cultura popular, foram realizadas análises de documentos, fotos e vídeos do arquivo pessoal do Mestre Nô e do acervo do Grupo Capoeira Angola Palmares publicados na *internet*. Para Von Simson (2010), não só testemunhos orais devem ser captados, mas também fotos históricas e filmagens em vídeo que permitam contextualizar as discussões abordadas na pesquisa. Loizos afirma que:

Aplicações históricas de fotografias podem ser recomendadas também por outras razões. Vários tipos de investigação de história oral podem ser facilitados se o pesquisador vai a uma entrevista preparado de antemão com algumas fotografias relevantes. [...] A fotografia, pode servir como um

desencadeador para evocar memórias de pessoas que uma entrevista não conseguiria, de outro modo, que fossem lembradas espontaneamente, ou pode acessar importantes memórias passivas, mais que memórias ativas, presentes (LOIZOS, 2002, p. 143).

Para compreender o modo de ensinar a capoeira de Mestre Nô foram analisados vídeos de três aulas, gravados pela pesquisadora no evento anual do Grupo Capoeira Angola Palmares de Florianópolis, no ano 2017. Foram realizadas as seguintes tarefas: exame sistemático do corpus de pesquisa; criação de um sistema de anotações; processamento analítico da informação colhida (LOIZOS, 2002). As aulas selecionadas para a análise foram momentos de formação dos integrantes do Grupo Capoeira Angola Palmares, sendo os seguintes conteúdos ministrados de forma intensa: movimentos e jogo, musicalidade, comportamento e fundamentos de roda.

A produção de um vídeo de curta duração foi necessária para melhor divulgação e alcance deste trabalho de pesquisa. Para DELEUZE (1983), pensar com imagens amplia os conceitos, pois o vídeo atua como arquivo de um tempo, traz lembranças, percepções e emoções, muitas vezes não expressas na escrita. O vídeo produzido, o material biográfico e de imagens serão utilizados para fomentar o *blog* sobre o Mestre Nô, com a seguinte localização: *mestreno.wordpress.com*.

## MAPEAMENTO

O primeiro passo da pesquisa foi a realização do mapeamento, fundamental para quem está no mundo acadêmico, e também do chamado *estado de conhecimento* que, para Romanowski e Ens (2006), é o estudo que localiza e analisa as publicações sobre o tema abordado.

O estado do conhecimento traz “o desafio de mapear e de discutir uma certa produção acadêmica em diferentes campos de conhecimento” (FERREIRA, 2002, p. 265). O mapeamento é obtido em bancos de dados de publicações em periódicos, anais de eventos, programas de pós-graduação ou em grandes plataformas da produção acadêmica. Cabe investigar, nas publicações sobre o tema de pesquisa, as referências bibliográficas, procedimentos metodológicos e se o estudo já foi publicado.

As fontes básicas do mapeamento foram as seguintes: trabalhos e pôsteres dos Anais das Reuniões Científicas Nacionais da ANPED (Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação), nos

seguintes Grupos de Trabalhos (GTs): GT6 - Educação Popular; e GT21 - Educação e Relações Étnico-Raciais, no período de 10 anos (2005 a 2015); Anais das Reuniões Científicas Nacionais da ANPEd Sul (Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação – Região Sul), nos seguintes Eixos e GTs: GT7 – Educação e Cultura; GT14 – Estudos Culturais em Educação; GT04 – Educação e Movimentos Sociais; GT3 – Educação Popular e Movimentos Sociais; GT16 – Relações Étnico-Raciais; e GT21 – Educação, Cultura e Relações Étnico-Raciais, em todas suas edições (1998 a 2016); dissertações e teses do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Catarina (PPGE/UFSC), nos seguintes períodos: dissertações, de 1988 a 2016, e teses, de 2001 a 2016; Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD); Banco de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

Os bancos de dados citados acima foram selecionados por tratarem de temas ligados à área da educação. Os descritores utilizados no mapeamento foram: ensino da capoeira, mestre de capoeira, capoeira e Paulo Freire.

Nos anais das Reuniões Científicas Nacionais da ANPEd, foi encontrado apenas um pôster. Nos Anais das Reuniões Científicas Nacionais da ANPEd Sul, foram encontrados dois artigos.

Em relação ao PPGE/UFSC, foram mapeados sete trabalhos sobre a capoeira: cinco dissertações e duas teses, entre 2005 e 2012. Todos seus autores são homens. Apenas um pesquisador é nascido em Florianópolis e três tiveram sua capoeira forjada na Ilha de Santa Catarina.

Na BDTD, apareceram 101 trabalhos. Com o refinamento da busca, com o descritor “ensino da capoeira”, foram encontrados vinte e quatro trabalhos. Sobre o Mestre Nô, sujeito desta pesquisa, foram encontradas duas dissertações e uma tese.

No Banco de Teses e Dissertações da CAPES, com o refinamento da busca com o descritor “capoeira freireana”, filtrada para a área de conhecimento Educação, apareceram 291 trabalhos. Foi encontrada apenas uma dissertação relacionando capoeira e pedagogia de Paulo Freire.

Dos trabalhos encontrados nas bases de dados, sete apresentaram proximidade com os objetivos e metodologia da presente pesquisa, conforme a tabela:

Tabela 1 - Mapeamento de publicações sobre o tema

<b>BASES DE DADOS</b>	<b>ANO</b>	<b>TÍTULO</b>	<b>TIPO</b>	<b>AUTOR/INSTITUIÇÃO</b>
<b>ANPED SUL</b>	<b>2012</b>	Educação e capoeira como agentes de autonomia	Artigo	SILVA, Carlos José/FURB
<b>BDTD</b>	<b>2012</b>	Capoeira: possibilidade de educação emancipatória junto a jovens de classes populares?	Dissertação	PERKOV, Paulo Lara/Universidade do Vale do Rio dos Sinos
<b>BDTD</b>	<b>2012</b>	A prática da capoeira como espaço de formação	Tese	SILVA, Marco Antonio Santos/Universidad del Mar, Chile
<b>CAPES</b>	<b>2011</b>	A pedagogia da autonomia no contexto da capoeira como dança	Dissertação	SILVA, Carlos José/FURB
<b>PPGE/UFSC</b>	<b>2009</b>	Memória e experiência: elementos de formação do sujeito de capoeira	Dissertação	ACORDI, Leandro de Oliveira/UFSC
<b>BDTD</b>	<b>2006</b>	Prática da capoeira como espaço de formação	Dissertação	SILVA, Marco Antonio Santos da/UFAL
<b>PPGE/UFSC</b>	<b>2005</b>	A (in)visibilidade da contribuição negra nos grupos de capoeira em Florianópolis	Dissertação	BRITO, Valmir Ari/UFSC

Fonte: Tabela organizada pela autora.

A partir da leitura dos trabalhos selecionados, foi necessário delimitar os núcleos de análise ou de significação, para delinear os temas em comum e depois analisá-los. Os núcleos de significação propõem um procedimento de organização e análise do material levantado, no caminho da apreensão dos sentidos e da subjetividade do tema pesquisado (AGUIAR, 2006). Ainda segundo a concepção de Aguiar, para a realização da análise, os significados constituem o ponto de partida. São produções históricas e sociais que permitem a comunicação e a socialização de nossas experiências. Para a sistematização da pesquisa, foram delimitados dois núcleos de análise - primeiro núcleo: *a relação da capoeira com a educação popular*; segundo núcleo: *trajetória biográfica e o trabalho com a capoeira de Mestre Nô*.

Os trabalhos selecionados para o núcleo *relação da capoeira com a educação popular* foram os realizados por Carlos José Silva e Paulo Lara Perkov, pelos referenciais teóricos utilizados e pela aproximação com o tema desta pesquisa.

O artigo *Educação e capoeira como agentes de autonomia*, de Carlos José Silva, foi publicado nos Anais do Seminário de Pesquisa em Educação da Região Sul, organizado pela ANPEd Sul e pela Universidade de Caxias do Sul e realizado no ano de 2012. Este artigo traz uma fundamentação teórica histórica sobre a importante relação da capoeira com a educação. Para Silva (2012, p. 6) “aprender capoeira é, acima de tudo, interagir com a identidade cultural de um povo, é vivenciar a expressão corporal, é ter a possibilidade de adquirir o espírito crítico reflexivo da sociedade onde está inserido”. Silva (2012) também relaciona o ensino da capoeira com as proposições de Paulo Freire para a educação, como um agente de libertação.

*A pedagogia da autonomia no contexto da capoeira como dança*, também de Carlos José Silva, dissertação apresentada em 2011, no Programa de Pós-Graduação em Educação do Centro de Ciências da Educação, da Universidade Regional de Blumenau, teve como objetivo principal “compreender de que forma a capoeira pode se caracterizar como agente educativo capaz de instigar autonomia e libertação” (SILVA, 2011, p. 17). De natureza bibliográfica, a análise foi fundamentada em referenciais apresentados por Paulo Freire na obra *Pedagogia da Autonomia*. O autor defende que a capoeira “se manifesta como agente de libertação e autonomia, ao evidenciar sua dimensão de agente de interação humana, de meio de interação fraterna e como especificidade humana” (SILVA, 2011, p. 86).

Defendida em 2012, a dissertação de Paulo Lara Perkov, *Capoeira: possibilidade de educação emancipatória junto a jovens de classes*



*populares?* na Universidade do Vale do Rio dos Sinos, teve como objetivo “problematizar e analisar a capoeira enquanto possibilidade de educação emancipatória, junto a jovens de periferia urbana” (PERKOV, 2012, p. 11). Como base teórica, a pesquisa dialogou com Paulo Freire, Santos e Menezes, Brandão, entre outros autores. Na pesquisa, foram utilizados instrumentos como observação participante e entrevistas. Nas conclusões, o autor define a capoeira como um processo histórico-social e cultural onde os sujeitos vêm a adquirir valores como a solidariedade, cooperação, amizade e respeito. Defende o ensino da capoeira nas escolas e considera os mestres como educadores populares, que necessitam de maior valorização pelo Estado (PERKOV, 2012).

Foram encontrados quatro trabalhos do segundo núcleo, *trajetória biográfica e o trabalho com a capoeira de Mestre Nô*, dos autores Valmir Ari Brito, Leandro de Oliveira Acordi e Marco Antonio Santos da Silva.

Valmir Ari Brito, no ano de 2005, foi o primeiro capoeira a defender uma dissertação no Programa de Pós-Graduação em Educação da UFSC, com o título *A (in)visibilidade da contribuição negra nos grupos de capoeira de Florianópolis*. Nela, discorre sobre o ensino de capoeira de dois mestres da cidade de Florianópolis, sendo um deles discípulo de Mestre Nô. Trata da “dialogicidade” nas aulas de capoeira, do diálogo ou a sua ausência, nas aulas de capoeira. O embasamento teórico teve como auxílio a obra *Pedagogia do Oprimido*, de Paulo Freire, mais especificamente o capítulo que aborda a dialogicidade – essência da educação como prática da liberdade (BRITO, 2005).

A dissertação de Leandro de Oliveira Acordi, defendida no ano de 2009, no Programa de Pós-Graduação em Educação da UFSC, com o título *Memória e Experiência: elementos de formação do sujeito de capoeira*, traz as memórias e experiências de sujeitos de cinco gerações de um grupo de Florianópolis filiado ao Grupo Capoeira Angola Palmares de Mestre Nô. Busca compreender a forma de organizar os saberes da capoeira com os elementos educativos presentes na relação entre mestre e discípulo (ACORDI, 2009). Traz em um capítulo as memórias e experiências do Mestre Nô. Relata sua vida, seu aprendizado, sua concepção e modo de ensinar a capoeira.

E, finalmente, as pesquisas que tratam diretamente do trabalho de Mestre Nô: a dissertação *Prática da capoeira como espaço de formação*, de 2006, na Universidade Federal de Alagoas (UFAL), e a tese *A prática da capoeira como espaço de formação*, de 2012, na Universidad del Mar, no Chile, ambas escritas por Marco Antonio Santos da Silva. Com procedimentos metodológicos da pesquisa etnológica, com a realização de entrevistas e observações participantes dos trabalhos desenvolvidos

pelo Mestre Nô e mestres formados por ele, mostra que a capoeira tem seus fundamentos, metodologias de ensino e características pedagógicas próprias, sendo um importante espaço de formação. Os dois trabalhos utilizam o referencial de Paulo Freire. O autor defende que a capoeira tem o poder de contribuir para a construção de uma sociedade mais humana, sendo um espaço de formação que contribui para a vida do indivíduo, tornando-o mais flexível, equilibrado e conhecedor do seu papel social (SILVA, 2012).

## CAPÍTULO 1 - VAMOS “SIMBÓRA”, CAMARADA: CAPOEIRA NA LUTA

### 1.1 “A HISTÓRIA NOS ENGANA...”

*A história nos engana, dizendo pelo contrário.  
Até diz que a abolição, aconteceu no mês de maio.  
A prova dessa mentira, é que da miséria eu não saio.  
Viva 20 de novembro, momento pra se lembrar.  
Não vejo em 13 de maio, nada pra comemorar.  
Muitos tempos se passaram e o negro sempre a lutar.  
Zumbi é nosso herói, de Palmares foi senhor.  
Pela causa do homem negro, foi ele quem mais lutou.  
Apesar de toda luta, colega velho,  
O negro não se libertou, camarada!  
(Ladainha de Mestre Moraes, 1996).*

A capoeira nasceu como luta dos negros escravizados no Brasil Colonial, para a conquista da liberdade. É imprescindível não esquecer suas origens: a luta do povo negro! Diferente do que aprendemos nos bancos da escola, no Brasil o negro nunca aceitou sua condição de ser escravizado, não era passivo e lutava pela liberdade. Trabalhando de sol a sol, comandados pelos chicotes dos feitores, derrubavam a mata, preparavam a terra, plantavam a cana e produziam o açúcar, doce riqueza de seus senhores (AREIAS, 1983).

Muito suor e sangue foram derramados pelo povo negro, protagonistas dos diferentes movimentos políticos na história do Brasil, nas lutas, revoltas, revoluções, guerrilhas, como na Revolta dos Alfaiates (1798 – 1799), Revolução Pernambucana (1817), Cabanagem (1835 – 1840), Revolução Farroupilha (1835 – 1845), Revolta dos Malês (1835), Balaiada (1838 e 1841), a Guerra do Paraguai (1864 – 1870), são alguns exemplos da luta pela liberdade e conquista de direitos (MOURA, 1981).

Figura 4 - Navio Negreiro



Fonte: Johann Moritz Rugendas. Domínio Público, 1830.

Os negros africanos escravizados no Brasil Colônia foram submetidos a uma vida não humana, pois o valor destes era tão somente econômico. “O negro foi estilhaçado pela escravidão, tanto quanto pela pseudoliberalidade e igualdade que conquistou posteriormente” (FERNANDES, 1989, p. 46). Isso significa que, além da tragédia do sistema escravocrata, a chamada “abolição” foi decretada, mas não foram dadas condições mínimas de sobrevivência aos negros, sendo marginalizados e discriminados.

O povo negro sempre lutou contra o regime escravista. Resistiu de várias formas e níveis de importância, durante todo o tempo em que a escravidão perdurou. Resistiu através das insurreições cidadinas, ocorridas durante o século XIX, até os quilombos, disseminados em todo o território nacional (MOURA, 1986). Um quilombo era uma comunidade de negros escravizados fugidos das grandes fazendas, como também de indígenas e brancos que eram contra o sistema escravocrata. O espírito de rebeldia e a convicção do direito de liberdade eram as forças motrizes para a formação de um quilombo. Ainda para Moura:

O quilombo foi, incontestavelmente, a unidade básica de resistência dos negros escravizados. Pequeno ou grande, estável ou de vida precária, em qualquer região em que existia a escravidão, lá se encontrava ele como elemento de desgaste do

regime servil. O fenômeno não era atomizado, circunscrito a determinada área geográfica, como a dizer que somente em determinados locais, por circunstâncias mesológicas favoráveis, ele podia afirmar-se. Não. O quilombo aparecia onde quer que a escravidão surgisse. Não era simples manifestação tópica. Muitas vezes surpreende pela capacidade de organização, pela resistência que oferece; destruído parcialmente dezenas de vezes e novamente aparecendo, em outros locais, plantando a sua roça, constituindo suas casas, reorganizando a sua vida social e estabelecendo novos sistemas de defesa. O quilombo não foi, portanto, apenas um fenômeno esporádico. Constituíu-se em fato normal dentro da sociedade escravista. Era reação organizada de combate a uma forma de trabalho contra a qual se voltava o próprio sujeito que a sustentava (MOURA, 1981, p. 87).

O quilombo de maior expressão no Brasil foi Palmares, localizado na Serra da Barriga, na então Capitania de Pernambuco, região hoje pertencente ao município de União dos Palmares, no estado brasileiro de Alagoas o mérito dos quilombolas palmarinos foi a excepcional organização, e o espírito de luta contra o opressor. O Quilombo de Palmares surgiu entre o final do século XVI e início do século XVII. Teve quase um século de existência, resistindo a inúmeras invasões dos holandeses e portugueses, abrigando vinte mil habitantes. Tudo era coletivo: terras, produção, trabalho, distribuição de alimentos e sua defesa (RODRIGUES, 1988).

Figura 5 - Zumbi



Fonte: Antônio Parreiras, 1927. Domínio Público.

Líder do Quilombo de Palmares, o grande herói negro Zumbi de Palmares é o maior símbolo da luta contra a escravidão e, contemporaneamente, contra o racismo. Comemoramos em 20 de novembro o Dia da Consciência Negra, dia em que Zumbi foi morto na batalha decisiva de Palmares. Mas esse fato não foi uma derrota, e sim um marco histórico da luta. Como afirma Abdias do Nascimento, a saga de Palmares esperou quase três séculos para obter o reconhecimento de seu valor histórico. No início dos anos 1970, o Grupo Palmares, formado por jovens intelectuais e militantes afro-gaúchos propôs a celebração do dia 20 de novembro como “Dia do Negro”. Isto ocorreu no auge da ditadura militar do Brasil, época do renascimento da luta dos afro-brasileiros, estimulados pela afirmação de seus irmãos na própria África e na América do Norte, em guerra contra o colonialismo e o racismo (NASCIMENTO, 1997).

Na sociedade brasileira, uma das mais importantes e expressivas lutas políticas e sociais foi e continua sendo a do Movimento Negro. Suas

várias entidades e organizações são responsáveis pela luta contra o racismo, políticas educacionais como a Lei 10.639/03 (que determina a inclusão no currículo do Ensino Básico da disciplina História da África e da Cultura Afro-Brasileira) e ações afirmativas para o ingresso no Ensino Superior.

No ano de 2017, o Cais do Valongo, local de referência para a história dos negros e negras do país, foi intitulado Patrimônio Cultural Mundial. Neste lugar, apenas no século XIX desembarcaram mais de um milhão de africanos escravizados. O Cais do Valongo, como também o Cemitério dos Pretos Novos, situados no bairro da Gamboa, na zona central da cidade do Rio de Janeiro, recorda não só a crueldade do tráfico, mas também a herança africana no Brasil e no mundo (ONU BRASIL, 2017). Este lugar denuncia o genocídio do povo negro e torna-se um símbolo de reverência e de resistência, um local para celebrações (IPHAN, 2017).

Maior porto escravagista da história da humanidade, o Cais do Valongo, para Rossano Bastos (2017) citando Dodô Azevedo, deveria se transformar na nossa mesquita de *Al-Aqsa*, no nosso Muro das Lamentações, no nosso *Stoneheng*. Nossa Acrópole. Nossa Persépolis. Nosso Memorial da Paz de Hiroshima. Nosso *Graund Zero*.

Os incontáveis grupos de manifestações culturais afro-brasileiras, em sua maioria centenárias, também são focos de resistência: congadas, reisados, bumba meu boi, boi bumbá, ciranda, maracatus, caboclinhos, cavalcadas, afoxés, blocos afros, cacuriá, carreiros, carimbó, folia de reis, cacumbi, jongo, maculelê, capoeira, marujada, negro fugido, samba de coco, samba de roda, tambor de crioula e as religiões de matriz africana. A música e a dança nos seus vários estilos: samba, frevo, forró, *funk* e o *hip hop*, esses dois últimos de origem norte-americana (estadunidense).

Mesmo com a luta de resistência das manifestações culturais de origem afro-brasileira e o Movimento Negro, ainda vivemos o mito da chamada democracia racial, uma corrente ideológica que pretende negar a desigualdade racial existente na sociedade brasileira. A pedagoga Nilma Lino Gomes nos relata uma das origens desta corrente:

O sociólogo Gilberto Freyre, por meio do seu livro *Casa-Grande e Senzala* (1933), publicado na década de 30, tem sido apontado por vários autores e autoras como um dos principais teóricos que interpretou, sistematizou e divulgou o mito da democracia racial, ao afirmar que, no Brasil, as três “raças” formadoras da nossa sociedade conviviam, desde a escravidão, de maneira mais amistosa,

quando comparadas a outras sociedades multirraciais e/ou de colonização escravista existentes no mundo. Freyre acreditava no caráter mais ameno do colonizador português para com as populações indígenas e negras por ele escravizadas, nas relações sociais, na cultura e nas relações afetivo-sexuais. [...] Assim, esse autor ajudou a propagar a ideia de que no Brasil existia uma harmonia entre as raças. [...] Essa visão idílica, não realista e ao mesmo tempo autoritária sobre as relações raciais no Brasil foi muito útil para as elites do poder, sobretudo nos momentos históricos em que o país viveu sob regimes ditatoriais. [...] A interpretação de Gilberto Freyre (1933) do Brasil, infelizmente, ainda é muito forte na sociedade brasileira, na esfera política, na escola, entre outros espaços sociais importantes, e tem colocado limites e empecilhos no posicionamento da sociedade brasileira na luta contra o racismo (GOMES, 2005, p. 59).

Há muito que se fazer ainda na luta contra o racismo no Brasil. Fernandes (1989) acentua que só haverá democracia quando houver igualdade racial no país e quando o negro não sofrer nenhuma espécie de discriminação, de preconceito e de segregação. A capoeira tem muito a contribuir nesta luta.

## 1.2 CAPOEIRA: LUTA DE NEGRO EM “ÂNSIA DE LIBERDADE”

*Capoeira é mandinga de escravo em ânsia de liberdade.  
Seu princípio não tem método,  
E seu fim é inconcebível ao mais sábio dos mestres.  
(Mestre Pastinha)*

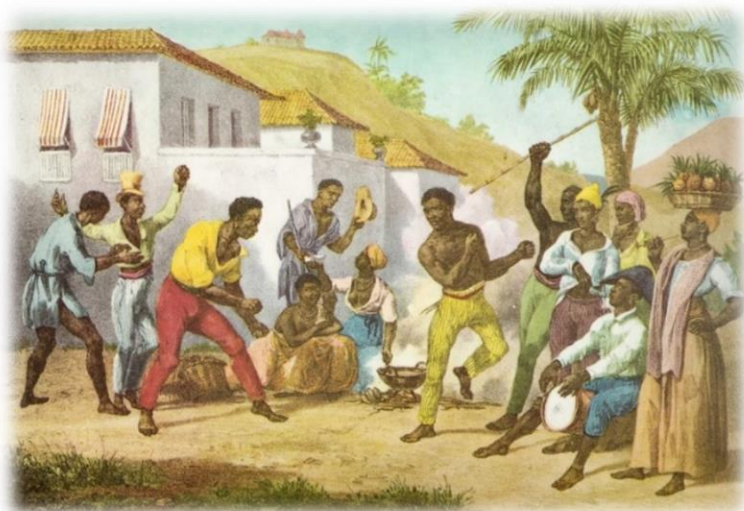
A origem da capoeira é afro-brasileira. Foi criada pelos descendentes de africanos num contexto sócio-político-econômico brasileiro. Nasceu como desejo e luta pela liberdade dos negros no Brasil Colônia que viviam sob um regime de escravidão intenso e que fizeram do corpo sua arma para superar a condição de oprimido. A capoeira possui vários sentidos e significados. É principalmente uma filosofia de vida. Esta denominação é confirmada pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) em seu dossiê sobre a Roda de Capoeira e Ofício dos Mestres de Capoeira:



A capoeira, uma manifestação cultural que se caracteriza por suas múltiplas dimensões, é ao mesmo tempo dança, luta e jogo. Dessa forma, mantém ligações com práticas de sociedades tradicionais, nas quais não havia a separação das habilidades nas suas celebrações, característica inerente à sociedade moderna. Ainda que alguns praticantes deem prioridade ora à sua face cultural, a seus aspectos musicais e rituais, ora à sua face esportiva, à luta e à ginástica corporal, a dimensão múltipla não é deixada de lado. Em todas as práticas atuais de capoeira, permanecem coexistindo a orquestração musical, a dança, os golpes, o jogo, embora o enfoque dado se diferencie de acordo com a singularidade de cada vertente, mestre ou grupo (BRASIL, 2014, p. 19).

Para Areias (1983), a capoeira surgiu no Brasil como arma, em função da necessidade dos negros de se defenderem da crueldade e dos castigos dos seus opressores, e ao mesmo tempo como folguedo, para expressão e manifestação dos seus sentimentos. A capoeira nasceu como uma luta corporal pela qual se buscava a liberdade.

Figura 6 - Capoeira



Fonte: Johann Moritz Rugendas, 1835. Domínio Público.

Nas fugas para os quilombos, os negros escondiam-se na *capoeira*. Na língua tupi-guarani *caá-puêra* significa mato virgem, que foi derrubado e em seu lugar nasceu mato ralo e rasteiro (REGO, 1968). Escondidos na *capoeira*, armavam emboscadas para os capitães do mato<sup>3</sup>. Não tendo armas de fogo para se defender, criaram uma luta de revide, usando o corpo para a conquista da liberdade.

Os capitães de mato diziam: - Cuidado com os negros da *capoeira*!

E de tanto dizerem isso, essa luta corporal ficou sendo conhecida como capoeira. Pelo fato do próprio nome, capoeira, ser de origem tupi-guarani, reafirmamos ser afro-brasileira.

Dona Isabel que história é essa? De ter feito a  
abolição  
De ser Princesa boazinha, que libertou a escravidão  
Estou cansado de conversa, estou cansado de ilusão  
Abolição se fez com sangue, que inundava este país  
Que o negro transformou em luta, cansado de ser  
infeliz  
Abolição se fez bem antes, ainda precisa se fazer  
agora  
Com a verdade da favela e não com a mentira da  
escola  
Dona Isabel chegou a hora, de se acabar com esta  
maldade  
De ensinar pros nossos filhos, o quanto custa a  
liberdade  
Viva Zumbi, nosso Rei Negro, que foi herói lá em  
Palmares  
Viva a cultura deste povo, a liberdade verdadeira  
Que já corria nos Quilombos  
Que já jogava capoeira... (Mestre Toni Vargas,  
2003).

Como relata a música do Mestre Toni Vargas, a capoeira foi um instrumento importante para a resistência contra o sistema escravocrata. Com o advento da República, foi combatida mais intensamente.

A repressão à capoeira teve diversas fases, desde a simples proibição, passando pela aplicação dos açoites, até ser tratada como uma questão de Estado pelo regime republicano, que a enquadrou como

---

<sup>3</sup> Capitães do mato eram as pessoas contratadas pelos donos das fazendas para “caçarem” os negros escravizados fugitivos.

crime no Código Penal da República, em 1890 (ABREU, 2008, p. 40)

O Código Penal definia o seguinte:

Art. 402. Fazer nas ruas e praças públicas exercícios de agilidade e destreza corporal, conhecidos pela denominação capoeiragem; andar em correrias, com armas ou instrumentos capazes de produzir uma lesão corporal, provocando tumulto ou desordens, ameaçando pessoa certa ou incerta, ou inculcando temor ou algum mal. Pena: de prisão celular de dois meses a seis meses (BRASIL, 2014, p.19).

Após a Abolição da Escravatura, que na realidade foi uma farsa, pois o negro tornou-se livre, mas não foram garantidos seus direitos básicos de vida, surgiram as maltas, “com integrantes hábeis e manhosos, extremamente traiçoeiros nos golpes e exímios no jogo da Capoeira” (AREIAS, 1983, p. 30). Os grupos de maltas roubavam e empregavam-se como mercenários, a mando de políticos e da elite da época. Foram, inclusive, utilizados para combater na Guerra do Paraguai. Os capoeiras ora resistiam ao sistema, apoiando e lutando pelas causas abolicionistas, ora estavam submissos ao poder. Um exemplo disso era a Guarda Negra da Princesa Isabel, formada por capoeiras.

Um dos fenômenos mais comentados – e menos estudados – da história da abolição da escravidão no Brasil, ao final do século XIX, foi a chamada Guarda Negra. A imagem popular que sobreviveu desse episódio é a de grupos de ex-escravos que, agradecidos pelo decreto que pôs fim à escravidão no Império do Brasil, assinado pela regente do trono, a princesa Isabel, se mobilizaram contra os adversários do regime monárquico, imputando a estes a vontade de derrubar a coroa, como reflexo do inconformismo com a Lei Áurea. [...] Esses negros estariam movidos por sentimentos de subserviência introjetados durante séculos de escravidão, por isso não tinham capacidade de perceber que a oposição à Monarquia era bem anterior à Lei Áurea e que o republicanismo fora alimentado por longos anos também pela perpetuação do regime do cativo, obra da Monarquia em toda sua história (SOARES, 2008, p. 46).

Com toda a sua importância histórica e social, atualmente a capoeira se faz na roda. É uma espécie de ritual, com fundamentos tradicionais, onde seus praticantes ficam envolvidos por uma magia. Forma-se um círculo de pessoas, juntamente com a bateria de instrumentos musicais (berimbaus, pandeiros, agogô, ganzuá e atabaque). A roda começa com a cantoria da ladainha e a louvação. Depois, no centro da roda, os capoeiras libertam seus movimentos, num jogo envolvente.

Na roda e na vida, a capoeira continua sendo uma luta, mas agora cultural e política, como Mestre Pinóquio afirma em sua música:

A capoeira que nasceu para dizer não,  
 A todo tipo de opressão, injustiça ou escravidão.  
 A capoeira não é luta de patrão  
 Segura moço, presta atenção, a capoeira não é luta  
 do patrão  
 Herança nobre, legado da escravidão  
 Era luta de oprimidos, e excluídos da nação  
 Hoje é desporto, de regra e competição  
 Eu não concordo com toda essa inversão  
 A capoeira tá no jogo do patrão.  
 Não tem escola, nem dentista ou educação  
 A escravidão hoje é feita sem grillhão.  
 Nos dão a margem e muita televisão  
 Segura moço, presta atenção, a capoeira não é luta  
 do patrão  
 Segura moço, não entregue ao vilão, nossa cultura  
 forjada na escravidão  
 Segura moço, presta atenção, a capoeira não é luta  
 do patrão

(MESTRE PINÓQUIO, 2012).

Podemos denominar a capoeira como uma manifestação cultural afro-brasileira. “A cultura negra resistiu através dos anos a uma dura batalha, a uma espécie de guerrilha entre as tradições culturais” (PEREIRA, 1984, p. 178). A capoeira, por sua vez, resistiu a opressão sofrida durante sua história.

Pereira (1984) também afirma que a resistência se vale de mil artimanhas. Uma das principais estratégias de defesa parece ser o segredo, a preservação e a criação de códigos específicos de cada grupo. Na capoeira, isso se torna evidente na roda, onde alguns elementos do ritual são compreendidos pelos capoeiras e, às vezes, somente por aqueles que têm mais tempo nesta arte.

A capoeira resistiu por muito tempo. Cabe investigar até que ponto, atualmente, vem resistindo às agressões da massificação cultural imposta à sociedade brasileira. A massificação social faz com que as pessoas atuem de acordo com as prescrições que recebem através dos meios de comunicação. O comportamento é quase automatizado (FREIRE, 1977).

Na medida em que seus praticantes conhecem mais a capoeira e sua história, percebem-se na sociedade e têm uma consciência mais crítica em relação à mesma. Ao mesmo tempo em que melhoram sua criticidade e conseguem ser mais livres (não se deixando massificar), estão também submetidos à lógica colonialista, capitalista e patriarcal.

A lógica imediatista e consumista faz com que as pessoas percam a noção histórica de suas ações. Algumas consequências são a alienação, a busca pelo poder (o mais importante é ser o melhor na roda, o melhor grupo), perda da criticidade e da identidade cultural, “pobreza política”. A alienação é fomentada principalmente pela mídia, através da invasão de padrões externos: “... países com pouca história e com pouco passado sentem maiores dificuldades de se aglutinar e formar a identidade de um povo” (COELHO apud DEMO, 1988, p. 99).

Na capoeira, percebe-se a “pobreza política”, no que diz respeito às dificuldades da participação dos capoeiras em ações e movimentos político-sociais. Ao mesmo tempo em que a capoeira traz uma reflexão, uma conscientização, uma visão mais crítica da sociedade, os capoeiras participam ativamente nas rodas e eventos de capoeira, mas a maioria não participa de sua organização (associações, fóruns, grupos de estudos e outros coletivos) ou de movimentos mais amplos de luta por direitos, numa perspectiva de transformação social.

A pobreza política é aceitar um Estado avassalador e prepotente, bem como uma economia selvagem. É politicamente pobre o cidadão que somente reclama, mas não se organiza para reagir, não se associa para reivindicar, não se entrega para influir (DEMO, 1988, p. 20-21).

A luta feminista também está presente no mundo da capoeiragem, um movimento que está crescendo e ganhando força nos últimos anos. Apesar das mulheres se mostrarem presentes na capoeira desde o início do século XX, as posições de liderança sempre estiveram na mão de homens. A importância que a mulher tem conquistado dentro da capoeira é inegável, mas o lugar da autoridade ainda é do homem (ADINOLFI, 2018). Resistência e luta contra o machismo e o assédio sexual são batalhas travadas diariamente pelas mulheres capoeiras.

Estamos vivendo na história brasileira uma grave crise política e econômica. Sofremos recentemente um golpe parlamentar, midiático, sustentado pelo sistema jurídico e comandado pela elite brasileira, que não conseguiu tolerar os poucos avanços dos direitos conquistados pelo povo, com muita luta. Agora temos um governo de homens brancos, cruéis, senhores da casa grande. O gosto do humilhante gás lacrimogêneo ainda arde na garganta. O sentimento é de profunda tristeza e revolta. Golpe na democracia, o povo brasileiro não merecia! A música do genial Chico é um alento,

Amanhã vai ser outro dia.

Hoje você é quem manda, falou, tá falado não tem discussão, não.

A minha gente hoje anda falando de lado e olhando pro chão. Viu?

Você que inventou esse Estado, inventou de inventar toda escuridão [...] Quando chegar o momento esse meu sofrimento vou cobrar com juro, juro [...] Você que inventou a tristeza agora tenha a fineza de desinventar.

Você vai pagar, e é dobrado, cada lágrima rolada nesse meu penar.

Apesar de você, amanhã há de ser outro dia.

(CHICO BUARQUE, 1978)

Tempos difíceis! Assassinato da vereadora do Rio de Janeiro Marielle Franco e seu motorista Anderson; extermínio de jovens negros nas comunidades periféricas; prisão do ex-presidente Lula que ameaça a democracia; o fantasma do retorno da ditadura que nos atormenta; o ódio da direita manifestando sentimentos e atitudes fascistas; a intolerância religiosa, principalmente às religiões de matriz africana; o racismo; retrocesso das leis trabalhistas. Muitos capoeiras estão alheios a esta conjuntura.

O trabalho de politização dos capoeiras é uma árdua tarefa, mas um ato necessário. Ser “politizado” é ter uma consciência crítica, que permita aos homens e mulheres terem a capacidade de agir e refletir, terem um compromisso com a sociedade, para poderem transformar a realidade (FREIRE, 1983). Freire também nos fala da opressão que vivemos e da práxis da libertação:

Os oprimidos não obterão a liberdade por acaso, senão procurando-a em sua práxis e reconhecendo nela que é necessário lutar para consegui-la. E esta luta, por causa da finalidade que lhe dão os

oprimidos, representará realmente um ato de amor, oposto à falta de amor que se encontra no coração da violência dos opressores, falta de amor ainda nos casos que se reveste de falsa generosidade [...] em lugar de luta pela liberdade, os oprimidos tendem a converter-se eles mesmos em opressores [...] seu ideal é serem homens, mas para eles, serem homens é serem opressores. Este é seu modelo de humanidade (FREIRE, 1980, p. 57).

A sociedade brasileira ainda é colonial. Para Fanon (1968), o trabalho do colono é tornar impossíveis os sonhos de liberdade do colonizado.

O mundo compartimentado, maniqueísta, imóvel, mundo de estátuas: a estátua do general que efetuou as conquistas, a estátua do engenheiro que construiu a ponte. Mundo seguro de si, que esmaga com suas pedras os lombos esfolados pelo chicote. Eis o mundo colonial (FANON, 1968, p. 39).

De qual lado os capoeiras estão? Dos oprimidos ou dos opressores?

Devemos ser sujeitos na roda, para que também possamos ser sujeitos e protagonistas na história. O povo é quem produz a história e a cultura, por isso somos capazes de mudar a realidade e superar o modelo da sociedade capitalista. Mestre Pinóquio aponta alguns caminhos:

Temos uma força, que é a capoeira. O que precisamos é conhecê-la a fundo. Buscarmos dentro de nós alguma centelha de nobreza e aplicarmos nesse ideal. É uma luta árdua, onde não deve haver espaço para vaidades pessoais ou benefícios isolados. Uma luta que levará tempo e sacrifício, devemos começar por nós mesmos. Temos que tornar nossos espaços, onde exercitamos o físico, também em espaço cultural, ensinando os alunos não somente a jogar, a cantar, mas também a pensar, ajudando-os a se situarem na história para que não sejam reduzidos a jogadores de capoeira ou valentões/acrobatas, e sim pensadores esclarecidos e conscientes do sentido da capoeira, para que possam contribuir para a causa, mantendo viva a memória de nossos antepassados. Temos que substituir as cordas (gradações) por uma causa. Tornar os encontros de capoeira para além do jogo, do canto. Temos a obrigação moral e histórica, diria

mesmo ancestral, de contribuir para que a vida dos nossos alunos ganhe novo sentido, e não reproduzimos o sistema opressor, aproveitando-se da ignorância para tê-los às nossas conveniências (MESTRE PINÓQUIO, 2014, p. 87).

Aprender a capoeira é conhecer a história de um povo que sofreu a opressão. É necessário perceber que as manifestações culturais não estão estagnadas no tempo, mas transformam-se de acordo com as mudanças políticas, econômicas e sociais. A capoeira está em constante transformação, contudo, sua essência histórico-cultural e seus fundamentos devem ser preservados.

A capoeira significa, portanto, luta social e política. Não lutamos corpo a corpo contra nossos feitores mas, através da organização e da conscientização, em direção à liberdade. Não devemos ser capitães do mato na roda, lutar uns contra os outros. Temos, ao contrário, que nos unir para o rompimento da estrutura atual de nossa sociedade desigual, que cultiva os princípios do egoísmo, individualismo e opressão.

A capoeira deve ser transformada num instrumento de libertação. Porém, muitas vezes somos opressores na roda. Parafraseando Paulo Freire, quando a capoeira não é libertadora, o sonho do oprimido é ser opressor. Temos que nos libertar da alienação, da opressão e lutar na roda e na vida por uma sociedade mais justa.

Vamos “simbóra” camaradas, nas rodas e na rua... Lutar sempre. Temer jamais!

### 1.3 PEDAGOGIA DA CAPOEIRAGEM

A capoeira é uma das muitas expressões do rico patrimônio cultural afro-brasileiro. Aqui, será abordada na educação não formal, pois vai além dos muros escolares e das universidades. Está presente nos centros comunitários, terreiros, barracões, quintais e praças. Chega a lugares onde o Estado é ausente, nas comunidades periféricas, desfavorecidas de direitos básicos como moradia, saúde e educação. Está em qualquer espaço onde há um professor, contramestre ou mestre disposto a ensinar, muitas vezes sem remuneração pelo seu trabalho e em condições precárias.

Na década de 1990, Mestre Ratinho de Porto Alegre, já tratava a capoeira como um instrumento de educação popular, que nasceu na luta de um povo que sofreu todos os tipos de opressão, uma cultura de resistência que contribui para uma conscientização social. A pessoa que se inicia na capoeira, no aprendizado da história e de valores da cultura



negra, compreende as relações sociais, discriminações, desigualdades e, através de seus movimentos, adquire domínio do seu corpo, dando confiança e capacidade de se impor (ACCURSO, 1995).

A educação popular é associada aos pensamentos e estudos do nosso patrono Paulo Freire, que teve uma larga convivência com intelectuais negros brasileiros, como o sociólogo Guerreiro Ramos e Abdias do Nascimento. A história da produção da educação popular é anterior a Paulo Freire. Vem de algumas práticas, como a do Teatro Experimental do Negro (TEN) de Abdias, dos programas de educação de alfabetização de adultos da Frente Negra Brasileira e dos clubes negros do início do século XX. Quando foi exilado pelo regime ditatorial do Brasil, pós-golpe de estado de 1964, Paulo Freire conheceu os pensamentos de líderes como Amílcar Cabral, da Guiné-Bissau, aprendendo muito com os povos africanos (PASSOS, 2018).

A capoeira como educação popular transforma vidas. É um movimento político e cultural de resistência, quando praticada de forma crítica. Na concepção de Arroyo (2003), nas “pedagogias em movimento”, temos muito que aprender com os movimentos sociais e culturais. A cultura motiva resistências diversas e, para este autor,

Esses movimentos nos mostram que a cultura não é um campo pacífico, nem de conformismo e reprodução do atraso, do passado, de heranças conservadoras, mas é um campo tenso. Mostram a cultura como uma ferramenta para entender não tanto a reprodução de valores, condutas homogêneas, de velhos protótipos humanos, mas como elemento perturbador de condutas, de velhos modelos de inclusão e integração social (ARROYO, 2003, p. 40).

Os movimentos sociais vêm construindo representações de seus coletivos, mostram outros saberes, são produtores de culturas e valores. Manifestam-se na pluralidade de ações coletivas, de organizações populares sujeitos de processos de humanização e emancipação. Sujeitos pedagógicos produzindo outras pedagogias (ARROYO, 2012).

A Pedagogia da Capoeiragem é forjada na experiência dos mestres, sujeitos pedagógicos e educadores da cultura. Guardiões de saberes e fazeres tradicionais, os velhos mestres não são valorizados pelo Estado. Quase sempre, ao final de suas vidas, acabam na miséria, em grandes dificuldades financeiras, amparados somente por seus amigos e alunos. É fundamental o reconhecimento do ofício dos mestres da capoeira, preservando assim a fonte dos saberes. Para Arroyo,

O termo ofício remete a artífice, remete a um fazer qualificado, profissional. Os ofícios se referem a um coletivo de trabalhadores qualificados, os mestres de um ofício que só eles sabem fazer, que lhes pertence, porque aprenderam seus segredos, seus saberes e suas artes. Uma identidade respeitada, reconhecida socialmente, de traços bem definidos. Os mestres de ofício carregavam o orgulho de sua maestria (ARROYO, 2000, p. 18).

Em 20 de novembro de 2008, o Ministério da Cultura, através do IPHAN, emitiu o certificado do Ofício dos Mestres de Capoeira, registrado no Livro dos Saberes como o “que é exercido por aqueles detentores dos conhecimentos tradicionais desta manifestação e responsáveis pela transmissão oral das suas práticas, rituais, e herança cultural” (BRASIL, 2014, p. 145). Foi um fato importante para o reconhecimento dos mestres, porém, poucas ações foram realizadas pelo Estado para a valorização desses sujeitos.

No mesmo ano, a Roda de Capoeira também foi registrada no Livro das Formas de Expressão, fato muito comemorado na comunidade capoeirística: a capoeira tornou-se Patrimônio Cultural Imaterial Brasileiro. Já quando foi declarada Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade pela UNESCO, no final de 2014, surgiram opiniões contrárias. Sobre este fato Mestre Nô fala que

Como tudo na vida vai evoluindo, as mudanças se fazem presentes a cada instante, a capoeira não está sendo diferente, também está sofrendo estas transformações através do homem, pela ganância da sede de poder. Nós, mestres de capoeira, capoeiristas, nós, brasileiros, tomamos uma rasteira. A capoeira já tinha sido tombada como patrimônio imaterial. Festejamos muito, celebramos e a euforia tomou conta de todos nós, brasileiros, baianos e soteropolitanos. Ficamos muito felizes com o tombamento como patrimônio imaterial brasileiro. A capoeira é nossa! Mas depois, sem que a gente soubesse, não houve nenhuma reunião, nem consulta com os mestres, se reuniram em Paris, tombaram, tornaram a capoeira patrimônio da humanidade, com apoio do IPHAN, um órgão brasileiro, e deu de bobeira. Não entendi o porquê disso, o ouro que o Brasil tem. A única arte genuinamente brasileira é a capoeira. Porque

não tombaram o karatê? O judô? A ioga e as demais artes milenares? Essas é que deveriam ter sido tombadas como patrimônio da humanidade. Mas a capoeira? Porque está servindo de vaca leiteira pra muita gente? Eu não concordei na época. Eu não concordo e lá mais na frente nós deveremos sentir o que fizeram com a capoeira. Nós, mestres de capoeira ainda não tivemos nada de benefício com isso, ou será que no futuro, como daqui a quarenta, cinquenta ou cem anos, algum brasileiro vai ser reconhecido lá pelo presidente dos Estados Unidos ou de outro país, será? (MESTRE NÔ, ENTREVISTA 4, 2018).

O reconhecimento do patrimônio tem servido como instrumento de aparelhamento ideológico do Estado. O capital tem se apropriado dos bens culturais populares. A lei é um campo de disputa, de nada vale se não houver luta e mobilização (BASTOS, 2017).

O patrimônio cultural negro tem relação com a memória, abrange expressões culturais e tradições de um grupo que preserva os seus saberes, a ancestralidade, para as gerações futuras (CARDOSO, 2012). A capoeira possui valores civilizatórios afro-brasileiros. Para Trindade (2005), esses valores são expressos na oralidade, no princípio do Axé (energia vital), na circularidade, na corporeidade, musicalidade, ludicidade, na alegria, na diversão, na celebração da vida e na cooperatividade.

A África e seus descendentes imprimiram e imprimem no Brasil valores civilizatórios, ou seja, princípios e normas que corporificam um conjunto de aspectos e características existenciais, espirituais, intelectuais e materiais, objetivas e subjetivas, que se constituíram e se constituem num processo histórico, social e cultural. E apesar do racismo, das injustiças e desigualdades sociais, essa população afrodescendente sempre afirmou a vida e, conseqüentemente, constitui o/s modo/os de sermos brasileiros e brasileiras (TRINDADE, 2005).

O ensino da capoeira se faz pela oralidade, como os mestres transmitem os seus saberes, baseados na experiência e na observação, sendo um processo diversificado e culturalmente rico (ABIB, 2006). Cada mestre, com sua criatividade e vivência na capoeira, tem um modo peculiar de ensiná-la, transmitindo seus fundamentos e tradições.

O mestre de capoeira é também o mestre de muitas das manifestações de nossa cultura popular, também é aquele que sabe ocultar determinados conhecimentos considerados “essenciais” dentro da tradição por ele representada. São saberes ou conhecimentos que não podem ser disponibilizados a qualquer pessoa ou em qualquer momento, mas necessitam, para serem transmitidos, de uma certa preparação por parte da pessoa interessada, que inclui muitas vezes uma “iniciação” que faz parte da ritualidade característica daquele grupo (ABIB, 2006, p. 96).

O ensino da capoeira era muito diferente antigamente. O aprendizado se dava nos quintais e terreiros das casas, nas rodas de rua, quitandas, botecos, botequins, vendas ou em qualquer lugar de animação e sociabilidade das comunidades, principalmente aos domingos (ABREU, 2003). Aprendia-se de “oitiva”, que consistia numa transmissão através da oralidade, baseada na experiência e na observação. Frede Abreu relata:

Sobre a oitiva: era na roda, sem a interrupção do seu curso, que se dava a iniciação, com o mestre pegando nas mãos do aluno para dar uma volta com ele. Diferentemente de hoje em dia, quando é mais frequente se iniciar no aprendizado através de séries repetitivas de golpes e movimentos, antigamente o lance inicial poderia surgir de uma situação inesperada, própria do jogo: um balão boca de calça, por exemplo. A partir dele se desdobravam outras situações inerentes ao jogo, que o aprendiz vivenciava orientado pelos “toques” do mestre (ABREU, 2003, p. 20).

Comprovando esse fato, Mestre Nô relata sua iniciação na capoeira:

Era um pouco diferente de hoje, né? Todo ensinamento na época, era diferente do ensinamento de hoje. Haja vista aqui (fala de Florianópolis), aqui ainda tem uma prova disto, quando eu trouxe o Mestre Mala e o Mestre Bom Cabrito. Eles deram, quer dizer, voluntariamente um deles deu uma demonstração de como era antigamente. Mas só que eles nunca tinham feito uma aula coletivamente com quarenta pessoas. Porque ensinar, ensinar era de um em um. Os

mestres ensinavam de um a um, e a mim também. O mestre ensinava assim, porque eram poucos capoeiristas, tinham poucos para aprender, quase nenhum. Na época que eu aprendi, se cada mestre tivesse seis alunos, oito alunos, era... um rei. Se tivesse dez alunos, era o bom, era o bam bam bam (MESTRE NÔ, ENTREVISTA 3, 2017).

Como sujeitos da ação educativa da capoeira, os mestres devem ensinar muito mais do que os movimentos, o tocar berimbau e o ritual da roda. Devem relatar a sua história, que sempre foi de luta e de resistência. A Pedagogia da Capoeiragem não deve servir aos interesses do opressor, e sim fazer da capoeira uma prática da liberdade. Toda revolução cultural apresenta a liberdade como finalidade. O mestre é um educador, que tem como incumbência proporcionar aos seus alunos conhecimentos para uma visão crítica da sociedade, para serem capazes de atuar na realidade para transformá-la (FREIRE, 1980). Deve ser um líder revolucionário, convencer as pessoas da necessidade da luta pela libertação e humanização. Freire ressalta:

A liderança revolucionária comprometida com as massas tem um compromisso com a liberdade. E, precisamente porque seu compromisso é com as massas oprimidas, para que se libertem, não pode pretender conquistá-las, mas conseguir sua adesão para a libertação (FREIRE, 1987, p. 166).

Infelizmente, ainda encontramos mestres que ensinam a capoeira com autoritarismo, oprimindo, colocando venda nos olhos dos seus alunos, tornando-os submissos e domesticados. São capitães do mato e transformam a capoeira numa mercadoria para ser vendida.

Seguindo a *Teoria da Ação Dialógica* de Freire (1987), podemos ensinar a capoeira pela ação antidialógica ou pela ação dialógica. O diálogo “é o encontro dos homens que pretendem ser mais lucidamente humanos, é uma ação revolucionária” (FREIRE, 1980, p. 84). A ação antidialógica caracteriza-se pela manipulação e opressão, não faz pensar, é autoritária e está a serviço da dominação. Já a ação dialógica questiona, é revolucionária, tem o espírito de luta e coragem, está a serviço da libertação. Para Freire,

O opressor elabora a teoria de sua ação sem o povo, pois é contra ele. O povo, por sua vez, enquanto esmagado e oprimido, introjetando o opressor, não pode, sozinho, construir a teoria de sua ação

libertadora. Somente no encontro dele com a liderança revolucionária, na comunhão de ambos, na práxis de ambos, é que esta teoria se faz e se refaz (FREIRE, 1987, p. 183).

A Pedagogia da Capoeiragem, como ensina Mestre Nô, acontece na roda e na vida. É insurgente, rebelde, nosso movimento é ver o mundo de cabeça pra baixo. Somos camaradas e devemos estar do lado dos oprimidos, acreditar que é possível revolucionar, sonhar com um mundo melhor, lutar para a transformação da nossa realidade. E a capoeira é um “campo de mandinga” e fonte inesgotável de saberes.

## CAPÍTULO 2 - “O CAMPO DE MANDINGA E A FONTE DOS SABERES”<sup>4</sup>

### 2.1 A VOLTA AO MUNDO DE MESTRE NÔ

Desde a infância, Mestre Nô respira e se alimenta da capoeira, na roda e na vida! Registrar sua “volta ao mundo” é um grande desafio, pois não existe a possibilidade de descrever toda sua trajetória. Mestre Nô é um educador, são mais de cinquenta anos de mestria e uma vida inteira dedicada à arte de ensinar a capoeira.

Em 22 de junho de 1945, nascia Norival Moreira de Oliveira, na Vila de Coroa, Ilha de Itaparica, estado da Bahia. Bolivar Lopes de Oliveira, soteropolitano, seu pai. Dejanira Moreira de Oliveira, nativa da Ilha de Itaparica, sua mãe. Com quatro anos de idade, iniciou-se na capoeira, por incentivo de seu avô Olegário, em 1949, na Ilha de Itaparica.

No ano de 1954, em busca de melhores condições de vida, Norival foi morar em Salvador com sua família, na Massaranduba, bairro da Cidade Baixa. Lá, conheceu Mestre Nilton (aluno de Pierrô) e Pierrô (aluno de Mestre Zeca, do bairro Uruguai, em Salvador). Suas primeiras aulas foram com Mestre Nilton, numa sede do Canto do Rio, em Massaranduba. Depois, foi apresentado a Pierrô e Zeca, no Bairro Uruguai. As aulas eram realizadas em um espaço ao lado da casa do Mestre Zeca, onde treinavam para as rodas de rua. Mestre Nô tem como seu mestre Nilton, mas também considera Zeca e Pierrô como seus mestres. Foi graduado mestre em 18 de setembro de 1964. Mestre Nilton o chamou em sua casa e lhe deu o diploma. Nesta época, Norival estava servindo ao exército brasileiro, uma condição exigida por Nilton para graduá-lo. Só então ele começou a ensinar. Não era fácil dar aulas de capoeira naquela época. Havia poucos alunos, muitas vezes apenas um mestre e um discípulo (CORRÊA; PINTO, 2013). Mestre Nô fala de seus mestres:

O Nilton foi aluno do Pierrô, e Pierrô aluno do Zeca, eu vou até aí por conta de que o Zeca não sei de quem foi aluno. A origem desses mestres era de diversas partes do Recôncavo Baiano, a maioria. Principalmente de Santo Amaro, poucos de Cachoeira, muito mais de Santo Amaro da

---

<sup>4</sup> *O Campo de Mandinga e a Fonte dos Saberes* foi o tema criado pelo Mestre Nô para o Seminário Internacional Capoeira Angola Palmares, realizado em agosto de 2017, em Coroa, Vera Cruz – Bahia.

Purificação. E eu treinei, eu, aluno do Nilton, mas também treinava com Pierrô e também com o Zeca. Porque eles achavam interessante, entre eles, ajudar uns aos outros, contribuir com os ensinamentos. O meu mestre foi Nilton. Eu sempre assumi isso, sempre, nunca desfiz, tirar o nome dele... Não, não, não, ele foi quem me ensinou. Gosto de falar para que venham a saber, de quem se tratou, mesmo não conhecendo. Por exemplo, Nilton foi aluno do Pierrô, cujo Pierrô foi aluno do Zeca do Uruguai. Quem foi o Zeca do Uruguai? Porque também ninguém fala. Só falam somente em Bimba, Pastinha, Caiçara, Canjiquinha, mas outros mestres não falam. Então para que reforce o que Canjiquinha falou, graças a Deus, que mestre Zeca foi quem ensinou ele a tocar berimbau, então ficou como referencial, por ele ser de uma geração mais primitiva, porém uma geração secundária ao Zeca. Mas, infelizmente, não foi lembrando porque não ia no Centro. Então para que ele fosse lembrado e soubessem que ele existiu, Zeca existiu, endossando a fala do mestre Canjiquinha, então eu coloco ele também, e falo no Pierrô também, que foi aluno dele, muitos antigos sabem, mas ninguém fala. Só que eu falo em toda a minha trajetória (MESTRE NÔ, ENTREVISTA 3, 2017).



Figura 7 - Diploma



Fonte: Acervo Mestre Nô, 1964.

No mesmo ano, Mestre Nô fundou, juntamente com Tutu, Vavá e Carlinhos, a Academia de Capoeira Angola Retintos (1964-1969), localizada na época na Associação Beneficente da Baixa do Petróleo, na rua Santa Clara, Baixa do Petróleo, no bairro de Massaranduba. Nesse grupo, houve a iniciação e a formação de diversos capoeiras, como mestres Loremil Machado Marretinha (*in memorian*), Marcos Alabama, Sergipe, Dinelson, Beto Amendoim, Antônio Grande, Periquito, entre outros (CORRÊA; PINTO, 2013).

Em 1969, Mestre Nô fundou a Associação de Capoeira Angola Orixás da Bahia (1969-1979), que posteriormente seguiu com suas atividades para a rua Carlos Lopes, em Massaranduba, onde ministrava aulas aos sábados e domingos. Neste mesmo período, entre 1970 e 1972, iniciou um trabalho com novos alunos no Parque Júlio César, na Alameda Carrara, Pituba. Mestre Nô iniciou e contribuiu para a formação de capoeiras, hoje muito conhecidos, como os mestres Ferrabrás, Brulino (*in memorian*), Lázaro, Lincoln, Dunga, Zé Elias, Um por um, Fininho, Dinho, Macaô (*in memorian*), Lúcia Palmares (Paris), Neném, Pesão, João Carlos, Dalmo, entre outros (CORRÊA; PINTO, 2013).

Em 1971, Mestre Nô casou-se com Sônia Maria Borges de Oliveira, natural também da Vila de Coroa, Ilha de Itaparica. Dessa união,

foram gerados quatro filhos: Sana Borges de Oliveira, Gina Borges de Oliveira, Geane Borges de Oliveira e Norival Moreira de Oliveira Filho. Tia Sônia era uma companheira e uma guerreira inseparável de Mestre Nô. Recebia os discípulos dele com muito carinho em sua casa, tratand-os como filhos. Sua força, doçura e generosidade cativavam a todos.

No dia 20 de novembro de 1979, fundou o Grupo de Capoeira Angola Palmares da Bahia, a atual Associação Brasileira Cultural de Capoeira Angola Palmares. Ampliou seu trabalho no Clube Português na avenida Octávio Mangabeira, na Pituba (hoje extinto), onde permaneceu de 1983 a 1990. No ano de 1985, no Clube Português da Bahia, Mestre Nô coordenou e realizou o I Encontro do Grupo de Capoeira Palmares. Mestres e capoeiras da época deste espaço: Valdir Axé, Marco Baiano, Henrique, Lúcio, João Paulo, Alegria, Jane, Bracinho, Marreta, Ferrugem e Beto Berimbau (CORRÊA; PINTO, 2013).

Figura 8 – Logo do Grupo Capoeira Angola Palmares, criado por Mestre Nô



Fonte: Mestre Nô

Depois, de 1991 a 1996, aproximadamente, ensinou no também extinto colégio Águia, na rua Marechal Andréa, 365, também na Pituba. Mestres e capoeiras do colégio Águia: Mestre Pinguim, Mestre Paulinho, Tartaruga, Arlindo, Binho, Erick Mansinho, Fadul, Garrafada, Patricinha Pé de Feijão, Durão (*in memorian*), Pé de Ferro, Paulinho Sidartha, Smurfete, Pipoca, Carol, Macarrão, Andréia, Emerson, Cascavel, Dumbo, Emile, Saulinho, Geraldo e Pernalonga.

Figura 9 - Com os Águias Pinguim, Arlindo, Tartaruga e Paulinho



Fonte: Arquivo pessoal, 2015.

Meu nome é Norival Moreira de Oliveira. Nasci na Ilha de Itaparica em 22 de junho de 1945. Sou conhecido no mundo da Capoeira pelo apelido de Nô. O meu contato com a capoeira aconteceu ainda muito jovem. Com meus quatro anos de vida, fui incentivado pelo meu avô, o velho Olegário. Aos sete anos mudei para Salvador e fui morar num bairro chamado Massaranduba, um bairro da Cidade Baixa, da periferia de Salvador, e lá conheci o Mestre Nilton, onde dei continuidade ao meu aprendizado. Mestre Nilton me levou à presença dos mestres dele, que eram o Pierrô e o Zeca, que também passaram a me ensinar. Aos dezoito anos de idade, 18 de setembro de 1964, meu mestre me deu as condições para ensinar. Entregou meu certificado e a minha primeira academia chamou-se Retintos, que eu fundei no mês de novembro de 1964. Essa academia durou cinco anos. Daí troquei o nome para Academia de Capoeira Angola Orixás da Bahia. E em 1979 fundei o Grupo de Capoeira Angola Palmares da Bahia. E o Grupo de Capoeira Angola Palmares se espalhou, se alastrou pelo

mundo, o que me deixa muito feliz. Eu pretendo dar continuidade a esse trabalho até quando se fizer necessário ou até mesmo quando Deus quiser (MESTRE NÔ, NEGO BOM DE PULO, 2015).

Mestre Nô consagrou-se como um importante difusor e guardião da cultura popular. Além de sua atividade de ensino da capoeira, ele frequentava assiduamente as inúmeras rodas de Salvador: rodas de rua, de festas de largo, da Cidade Baixa e do Centro Histórico, consagrando-se nestas rodas tradicionais, como a do Mestre Waldemar da Paixão.

Teve uma participação no grupo Viva Bahia, da renomada professora e etnomusicóloga Emília Biancardi. Este grupo foi criado em 1962, sendo um dos primeiros divulgadores da cultura popular baiana e brasileira. Mestre Nô indicou vários alunos e alunas para participarem do elenco do Viva Bahia na década de 1970, como Loremil Machado, Alabama, Beto Amendoim e as mulheres capoeiras Baixinha, Valcir e Corró.

A expansão do trabalho do Mestre Nô iniciou-se em 1983, em Canoas (RS), quando ele foi convidado por seu aluno Macaô (*in memoriam*) a conhecer o Sul do Brasil. O Grupo Capoeira Angola Palmares faz um trabalho de difusão da capoeira angola em vários estados brasileiros e países. No estado da Bahia, em Salvador, está sediado o Centro Acadêmico Capoeira Angola Palmares, no bairro da Boca do Rio, criado e coordenado por Mestre Nô. Ele também coordena as atividades em Salvador, assessorado por Mestre Pinguim, Mestre Paulinho, professora Tartaruga e os instrutores Pantaleão e Arlindo. Outras cidades da Bahia: em Valença, Mestre Orli; em Nazaré, Mestre Pinguim supervisiona o Contramestre Vilson; em Jequié, Mestre Nonha; em Lauro de Freitas, Mestre Dunga; em Alagoinhas, Mestre Brito; em Vitória da Conquista, Contramestre Vidal.

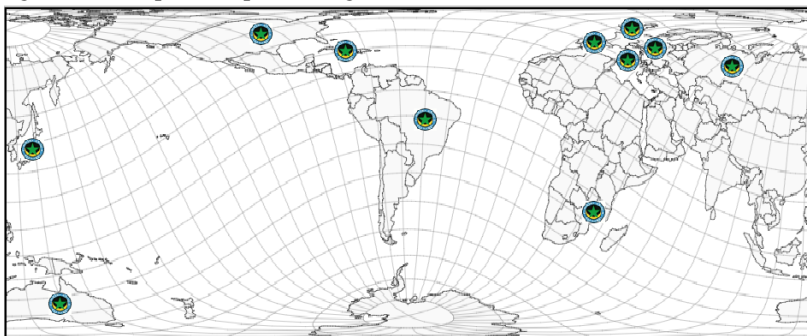
No Rio Grande do Sul, em Canoas, já fizeram parte do Grupo Capoeira Angola Palmares Alfredo, Dentinho e Bira. Atualmente, o grupo é coordenado pelo Mestre Dindo. Em Santa Catarina, o trabalho começou em 1986, com o Contramestre Alemão. Na Paraíba, o Grupo Capoeira Angola Palmares chegou em 1985, através do Mestre Sabiá. Em Alagoas, o trabalho começou em Maceió, em 1987, através de Mestre Tunico, e teve prosseguimento com Mestre Marco Baiano e o Contramestre Devagar. Em Roraima e Sergipe, a capoeira foi uma iniciativa de Macaô (*in memoriam*). Em Aracajú, o responsável atualmente é o Mestre Nininho.

A internacionalização do trabalho iniciou-se em agosto de 1990, quando Mestre Nô fez parte da delegação brasileira (mestres Moraes, João Grande, Cobrinha Mansa e Lua de Bobó), para participar do Festival da Cultura Negra em Atlanta, nos Estados Unidos. Segundo Mestre Nô, foram apenas três apresentações de dez minutos no festival, mas foi a oportunidade de conhecer e iniciar um trabalho de difusão naquele país. Mestre Nô, entretanto, já tinha seus contatos nos Estados Unidos, pois em 1984 esteve treinando no Clube Português e na Ilha de Itaparica o estadunidense Michael Z. Goldstein, que se tornou seu aluno, atualmente Mestre Ombrinho (CORRÊA; PINTO, 2013).

Nos Estados Unidos, além de Mestre Ombrinho, outros alunos fizeram parte da história do Grupo Capoeira Angola Palmares, como o Mestre Lincoln, que chegou em 1995, realizando seu trabalho em Nova Iorque. Mestre Gulliver chegou em 2001 e atualmente é o mestre responsável nos Estados Unidos, dando continuidade ao trabalho de Mestre Nô em Nova Iorque e em outras cidades estadunidenses.

Da Boca do Rio para a volta ao mundo, Mestre Nô já visitou vários países para ministrar suas aulas, participando e organizando seminários, congressos e encontros: Canadá, Inglaterra, França, Bélgica, Rússia, Bósnia, Ucrânia, Israel, Estados Unidos, Espanha, Portugal, Itália, Áustria, Japão, Alemanha, entre outros. Na atualidade, Mestre Nô é o presidente e mestre geral dos trabalhos desenvolvidos pelo grupo Capoeira Angola Palmares, nos seguintes países: Austrália, África do Sul, Moçambique, Japão, Estados Unidos, Colômbia, Israel, Espanha, Inglaterra, Itália e Rússia (onde seu filho Nozinho é o responsável).

Figura 10 – Mapa da Capoeira Angola Palmares no Mundo



Fonte: Marco Tomasoni

Em 3 de julho de 1987, Mestre Nô foi idealizador, fundador e diretor da Associação Brasileira de Capoeira Angola (ABCA), entidade

formada pelos mestres da “velha-guarda” da capoeira. Na sua primeira diretoria, foram eleitos o Mestre João Pequeno, presidente, Paulo dos Anjos, vice-presidente, Mário Bom Cabrito, tesoureiro, Mestre Nô, diretor técnico, e Renê, diretor social. A partir de 1996, foi criado o Conselho de Mestres, formado por angoleiros com mais de 50 anos, que foi presidido por Mestre Nô em 2009 (CORRÊA; PINTO, 2013).

Mestre Nô inaugurou a sede de seu grupo, o Centro Acadêmico Capoeira Angola Palmares, durante a realização do seu evento anual, na Boca do Rio, em Salvador, em agosto de 2009, uma grande conquista para seu trabalho. Contou com a presença de mestres da Bahia e integrantes do grupo de vários estados brasileiros, dos Estados Unidos e da Itália.

Figura 11 - Homenagem ao Mestre Nô na inauguração do seu Centro Acadêmico



Fonte: Acervo: Jô Capoeira, 2009.

Em 2011, Mestre Nô foi contemplado com o Prêmio Viva Meu Mestre, edição 2010, um reconhecimento do IPHAN pelo seu trabalho como mestre de capoeira. O Ofício dos Mestres de Capoeira foi reconhecido pelo IPHAN em 2008, como patrimônio cultural imaterial do povo brasileiro.

Figura 12 - Certificado IPHAN



Fonte: Acervo Mestre Nô, 2010.

Mestre Nô é citado em muitas publicações. Além das dissertações e teses já mencionadas no mapeamento, alguns livros que citam o trabalho de Mestre Nô: *O Sumiço da Santa* (mistura de ficção e realidade), de Jorge Amado (1988); *Ring of liberation*, de J. Lowell Lewis (1992); *Capoeira Angola na Bahia*, do Mestre Bola Sete (1997); *Rodas de Capoeira: Arte e Patrimônio em Florianópolis*, de Maria Eugênia (2010); *Jogo de Discursos*, de Paulo Andrade Magalhães Filho Magalhães (2012) (MOREIRA, 2013); *Cadernos de Capoeira: capoeira da Ilha*, de Fábio Machado, Mestre Pinóquio, Danuza e Jô Capoeira (2014), e, mais recentemente, o livro *Mandinga em Manhattan: como a capoeira se espalhou pelo mundo*, de Lucia Correia Lima (2016), entre outros.

Atualmente Mestre Nô quando não está viajando, vive em Coroa, Vera Cruz – BA, com sua filha Moana e esposa Arara.

## 2.2 “EU APRENDI A JOGAR CAPOEIRA DE ANGOLA NA BEIRA DO MAR”: DA ILHA DE ITAPARICA À ILHA DE SANTA CATARINA

Ilha de Itaparica. Situada no Oceano Atlântico, na Baía de Todos os Santos, estado da Bahia, Brasil, constituindo dois municípios: Itaparica e Vera Cruz. Maior ilha marítima do Brasil, invadida pelos europeus em 1501, por Américo Vespúcio, onde os tupinambás já viviam. Itaparica na língua tupi significa "o cercado de pedras". (IBGE, 2018).

Ilha de Santa Catarina. Situada no oceano Atlântico, no litoral sul do Brasil, no centro do litoral do estado de Santa Catarina. Antes da invasão europeia no início do século XVI, era conhecida como Meimbipe, que significa “montanha ao longo do mar”, pelos carijós da nação Tupi-guarani (IBGE, 2018). Da Ilha de Itaparica à Ilha de Santa Catarina, Mestre Nô faz sua história, influenciando determinadamente a capoeiragem de Florianópolis.

A história da Capoeira Palmares na Ilha de Santa Catarina iniciou-se com Carlos Alberto Dal Molin Silva, o Alemão, natural de Canoas, Rio Grande do Sul, aluno de Macaô (*in memoriam*). Em 1984, Mestre Nô recebeu Alemão em sua casa em Salvador. Nesse mesmo ano, Alemão foi formado contramestre e passou a fazer parte, definitivamente, do Grupo de Capoeira Palmares, mudando-se para Florianópolis. Nessa época, conheceu o capoeira Calunga, aluno de Mestre Pop, que já tinha um trabalho com os pequenos pescadores e rendeiras da Barra da Lagoa. No ano de 1985, Alemão iniciou seu trabalho com a capoeira na capital de Santa Catarina, com a coordenação de Mestre Nô, formando o Grupo de Capoeira Palmares Sul, unificando seus trabalhos com os camaradas de Canoas.

Em 1986, desenvolve-se na Ilha de Santa Catarina a Capoeira Palmares, coordenada por Mestre Nô. As primeiras rodas da Catedral, realizadas no carnaval, são organizadas pelo Alemão e seus alunos. Neste mesmo ano, em acordo com Calunga, Alemão assumiu o ensino da capoeira na Universidade Federal de Santa Catarina. Ele passara no vestibular e havia ingressado no curso de Educação Física. O projeto da Capoeira Palmares tornou-se extensão, através do trabalho de Alemão no Centro de Desportos da UFSC, integrando universidade e comunidade, atendendo principalmente crianças do Pantanal e da Serrinha. Aproximadamente noventa crianças eram atendidas pelo projeto. Além das aulas, eram realizadas rodas todas as sextas-feiras, no antigo Ginásio de Alumínio. A primeira roda da Palmares na UFSC, foi realizada em 15 de maio de 1987. Esta roda foi um acontecimento importante, pois marcou o início dos trabalhos da Capoeira Angola Palmares nesta universidade (CORRÊA; PINTO, 2013).

A primeira vez que Mestre Nô se fez presente na Ilha de Santa Catarina foi em dezembro de 1987, com a realização do I Batismo de Capoeira Ajagunã de Palmares. Realizado de 04 a 06 de dezembro de 1987. Esse evento contou ainda com a presença de mestres e capoeiras consagrados, como Ferreirinha (*in memoriam*), João Pequeno (*in memoriam*), Lázaro, Macaô (*in memoriam*), Alfredo e Pop. Mestre Nô foi um incentivador da valorização dos mestres mais velhos. Nos seus



eventos, o contramestre Alemão solicitava ao Mestre Nô que fizesse os contatos para trazer para a Ilha de Santa Catarina outros mestres, a maioria saindo pela primeira vez de Salvador, alguns em condição de esquecimento. Em sua programação, o evento contou com duas rodas em frente à Catedral Metropolitana, um debate no Centro de Convivência, na Universidade, e o batismo no Restaurante Universitário, de quarenta e cinco alunos, crianças dos bairros da Serrinha e Pantanal, resultado de um trabalho socioeducativo do Projeto de Extensão do Centro de Desportos da UFSC pelo Contramestre Alemão. O evento teve apoio da Reitoria da UFSC e a venda de adesivos e camisetas pelos alunos da Associação Cultural de Capoeira Ajagunã de Palmares.

Figura 13 - I Batismo de Capoeira Ajagunã de Palmares. *Na bateria, os Mestres João Pequeno, Nô e Lázaro.*



Fonte: Acervo Alemão, 1987.

O trabalho de Mestre Nô no sul do Brasil foi consolidado. Em novembro de 1988, ele retornou a Florianópolis para o II Batismo de Capoeira Angola Palmares Sul. Contou com a presença dos mestres João Pequeno (*in memoriam*), Ferreirinha (*in memoriam*), Bobó (*in memoriam*), Curió, Boa Gente, Brulino (*in memoriam*) e Lázaro. Nesse evento, Calunga, na época aluno de Mestre Pop, entrou para o Grupo Capoeira Angola Palmares. As atividades e rodas foram realizadas no Mercado Público e no Centro de Convivência da UFSC, com debates com os mestres e professores da UFSC e da UDESC, exibição do filme *Cordão de Ouro* na Igreja da UFSC e os batismos de capoeira no Centro

Integrado de Cultura, Centro Comunitário da Barra da Lagoa e no Restaurante Universitário da UFSC.

Figura 14 - Aula de Mestre Nô no CEFID/UFSC



Fonte: Acervo Alemão, 1990.

O III Batismo de Capoeira Palmares Sul, conhecido como Batismo da “Lona Azul”, realizado no Aterro da Baía Sul, no Centro de Florianópolis, foi outro evento de destaque na Ilha de Santa Catarina. Foi realizado de 17 a 20 de outubro de 1990, com a presença dos mestres Bobó (*in memoriam*), Ferreirinha (*in memoriam*), Curió, João Pequeno (*in memoriam*), Lázaro e Brulino (*in memoriam*). Esse encontro contou com inúmeras atividades: Roda no Básico/UFSC, roda do Mercado e na Felipe Schmidt, no Centro da cidade; aulas de capoeira com os mestres; duas grandes mesas redondas que reuniram intelectuais e mestres. Uma das mesas reuniu o escritor Roberto Freire (criador da Somaterapia), Mestre Nô e Mestre Bobó. Na outra mesa, tivemos a presença dos professores Elenor Kunz, da UFSC, e Luiz Canabarro, da UDESC, dos mestres Curió, Ferreirinha e João Pequeno. Esse evento foi singular na história da universidade. Encontro de capoeiras e intelectuais para debater questões de interesse da capoeira e da cultura popular. O batismo realizado na Lona Azul, no aterro da Baía Sul, próximo ao Mercado Público, teve a duração aproximada de dez horas, e contou na sua programação apresentações do Boi de Mamão do Pantanal, Cacumbi do Capitão Amaro do Morro da Caixa, Dança Afro do Grupo Alma Negra, Puxada de Rede do Grupo

Palmares Sul, roda de mestres, roda de samba ao som do grupo Menores do Samba, batismo e troca de graduações.

De 14 a 16 de maio de 1998, no Centro Comunitário do Pantanal, o Grupo Capoeira Angola Palmares, através do Projeto de Extensão Ginga UFSC, do Centro de Desportos, promoveu o Curso de Capoeira Angola Palmares, ministrado pelo Mestre Nô. Esse curso teve grande participação dos capoeiristas da nossa cidade e do Rio Grande do Sul, e foi de grande importância pelos conteúdos ministrados: Capoeira ontem e hoje; História da capoeira, do Mestre Nô e do Grupo Capoeira Angola Palmares; Fundamentos da Capoeira: Movimentos, sequências de jogo, chamadas, volta ao mundo, musicalidade (instrumentos musicais e cantigas) comportamento do capoeira e roda. No encerramento do curso, foi realizada a Roda do Mercado.

Muitos capoeiras da Ilha de Santa Catarina foram forjados com os fundamentos da capoeira angola ensinada pelo Mestre Nô. Destaque dos alunos do Contramestre Alemão: Polegar, Khorvo, Axé, Faísca, Jô Capoeira, Danuza, Pesão, Leco, Tenente, Márcio, Testa, Khorvinho, Bolita, Nenê, Passos, Ró, Helmany e Marciano. Alunos do Mestre Calunga: Adão, Gerry, Moriel, Medonho, Cepacol, Edézio e Édio. Da segunda e terceira gerações: Kiko, Galo, Minhoca, Macaco, Sid, Desenho, Júlio, Gauderinho, Igor, Adriana e Jimmy Wall, que entrou para a Palmares no início da década de 1990.

No ano de 2005, o Grupo Capoeira Angola Palmares recebeu da Câmara Municipal de Vereadores de Florianópolis uma importante condecoração: a Medalha Zumbi dos Palmares. Essa medalha é concedida em reconhecimento a trabalhos notadamente relevantes a pessoas e entidades que se destacaram no combate a qualquer tipo de discriminação e preconceito, na defesa dos princípios fundamentais e na promoção da vida (Lei Municipal nº 744/2001). A medalha foi entregue ao Mestre Nô.

Fato marcante da história do Mestre Nô na Ilha de Santa Catarina foi a realização do documentário *Nego Bom de Pulo*. Com estreia no renomado festival de cinema Florianópolis Audiovisual Mercosul (FAM), no dia 22 de junho de 2015, coincidentemente, aniversário de 70 anos do Mestre Nô, esse documentário registra a importância do seu trabalho na capoeiragem da cidade. Com direção e produção de Kiko Knabben, contramestre do Grupo Capoeira Angola Palmares de Florianópolis, teve financiamento da UFSC, através do Projeto Capoeira da Ilha, O diretor e produtor cita o seguinte depoimento sobre o documentário:

A história não para. A capoeira, manifestação de resistência cultural (e física) afro-brasileira faz

parte da história do Brasil e de Florianópolis. Movimento contínuo. Atravessou dois séculos, escondida nos guetos, terreiros e quintais, proibida de ser praticada. Atualmente, mesmo sendo Patrimônio Imaterial Cultural do Brasil e do Mundo, permanece marginalizada. O documentário “Nego Bom de Pulo” nos movimentou pelo tempo e pelo espaço. Registra a cidade de Florianópolis no século passado, décadas de 1980 e 1990, pelo olhar de quem faz da capoeira ofício e vida. Apresenta a vida de Mestre Nô, baiano de Itaparica, e sua trajetória para o sul do Brasil, a caminhada do homem que é capoeira na roda e na vida. Revela o pensamento e o trabalho de toda uma geração de jovens capoeiras que se tornaram responsáveis pela valorização dos velhos mestres e seus fundamentos e pela formação de uma identidade chamada de Capoeira da Ilha. Na tela, a luz mais forte é para esses jogadores, capoeiras que, vindos de distintos lugares, forjaram, na cidade de Florianópolis, nas suas ruas, praças, praias e mercado, uma capoeira resistente, maliciosa, com combatividade e fundamento (KNABBEN, 2015).

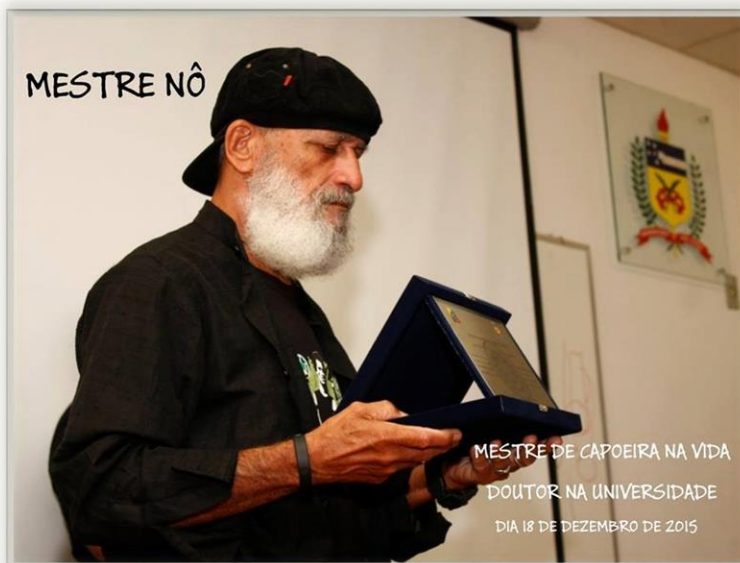
Os projetos de extensão da UFSC foram muito importantes para o fortalecimento do trabalho de Mestre Nô na Ilha de Santa Catarina. Este trabalho foi reconhecido e agraciado por esta universidade, culminando com a entrega do Notório Saber, em março de 2016, para o primeiro educador popular e mestre de capoeira a receber este importante título.

A partir de sua socialização, a capoeira, atividade praticada com música, jogo e dança, transcendeu os ambientes populares, ocupando lugar de destaque em ambiente universitário e, na UFSC, a história não foi diferente, tornando-se conteúdo de ensino, pesquisa e extensão. Nesse contexto, o Mestre Nô foi convidado para ministrar aulas, seminários e *workshops* em vários países. Em sua disseminação como patrimônio cultural, foi reconhecido como Mestre de Capoeira, recebendo o título do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), do Ministério da Cultura do Brasil, e a Medalha Zumbi dos Palmares da Câmara Municipal de Florianópolis, além de outros prêmios

e honorarias por trabalhos de destaques na área artística e cultural (UFSC, 2015, p. 2).

O longo processo de reconhecimento do Notório Saber em Educação ao Mestre Nô, iniciou-se no ano de 2013, com a organização de um dossiê sobre sua vida e o trabalho com a capoeira. Foi protocolado em 19 de dezembro desse mesmo ano, tendo como requerente o professor Fábio Machado Pinto. Depois de muita luta, com a tramitação do processo na UFSC, foi realizada no dia 15 de outubro de 2015 uma solenidade de homenagem no Centro de Educação (CED), com o intuito de marcar a passagem e aprovação pelo CED/UFSC do reconhecimento e título de Notório Saber ao Mestre Nô, Norival Moreira de Oliveira.

Figura 15 - Homenagem do CED/UFSC



Fonte: Joaquim Corrêa, 2015.

Foram fundamentais, na elaboração do dossiê que garantiu o título de doutor ou Notório Saber pela UFSC do Mestre Nô, os companheiros contramestra Jô Capoeira, professora Danuza e Mestre Pinóquio. [...] Atenderam ao nosso chamado, enviando material de diversos tipos, como fotos, reportagens em jornais e declarações de instituições e alunos do Grupo Capoeira Angola

Palmares, entre outros grupos: Alemão, pelas entrevistas e o acervo enorme sempre disponível: com fotos, filmes, reportagens, entrevista; Mestre Paulinho, pela elaboração e envio de importantes registros e narrativas. Pelo envio de declarações dos grupos: Capoeira Angola Palmares/SC (contramestra Jô e Mestre Polegar); Central Catarinense de Capoeira Angola (Professora Danuza e Inst. Bagé); Ilha de Palmares de Florianópolis/SC (Mestre Calunga e seus alunos); Quilombola de Florianópolis/SC (Mestre Pinóquio); Associação Cultural Capoeira Angola Nascente Palmares do Sul de Canoas/RS (Mestre Dindo); Associação Cultural de Capoeira Badauê de Campina Grande/PB (Mestre Sabiá); Associação de Capoeira Angola Palmares de Nazaré das Farinhas/BA (Mestre Pinguim); Grupo de Capoeira Angola Palmares Guarabira/PB (Mestre Hailton); Grupo de Capoeira Angola Palmares Austrália (professor Fadul); Associação Capoeira Palmares de Florença – Itália (Contramestre Paahppi); Seattle Capoeira Center/EUA, Seattle (Prof. Mangangá); Escola Aú Capoeira de Florianópolis/SC (Mestre Pop). Além dos documentos e fotos enviados de Nazaré/BA: Mestre Pinguim e Tartaruga; de Campina Grande/PB: Mestre Sabiá; da Itália: Mestre Paahppi e Verônica; da Áustria: Mestre Hailton; de Maceió/AL: Mestre Marco Baiano; da Rússia: CM Nozinho; dos EUA, Nova Iorque: Mestre Ombrinho; do Reino Unido, Londres: Mestre Valdir Axé e seus alunos. Na Universidade Federal de Santa Catarina, contamos com o apoio do professor Alexandre Fernandez Vaz (UFSC), que participou da elaboração do parecer no CED, base para os demais pareceres. Os membros da comissão que avaliaram o processo, os professores Elison Paim (UFSC), Janine Gomes da Silva (UFSC), Maria Tereza Santos Cunha (UDESC), Luciana Rossato (UDESC), Letícia Nedel (UFSC), a professora Eneida Shiroma (UFSC), o diretor do CED e seu vice Nestor Habkost e Juarez Thiesen, o Chefe do departamento de Metodologia de Ensino, professor Antônio Alberto Brunetta, o conselheiro titular do CED no CUN, professor Gabriel Sanchez Teixeira. Professores Joana Pedro (CFH) e Edison

Souza (CDS) contribuíram. Não podemos esquecer de Paulo Capela, irmão, sempre junto em todas. Estes professores foram fundamentais no trâmite do processo na UFSC (PINTO, 2015).

Há tempos lutamos pela valorização dos mestres de capoeira e o movimento de luta pela salvaguarda da capoeira continua. Muito ainda temos que avançar para que este reconhecimento pelo Estado se transforme em ações que realmente valorizem os mestres. No dia 18 de dezembro de 2015, Mestre Nô foi aclamado por unanimidade pelo Conselho Universitário da Universidade Federal de Santa Catarina com o título de Notório Saber. Mestre Nô tem seu trabalho reconhecido! Mestre de capoeira na vida, doutor na universidade!

No dia 29 de março de 2016, foi realizada, no auditório da Reitoria da UFSC, a solenidade de reconhecimento do Notório Saber de Norival Moreira de Oliveira, Mestre Nô, educador popular e mestre de capoeira. Foi presidida pela Magnífica Reitora Roselane Neckel e pelo Diretor do Centro de Ciências da Educação da UFSC, professor Nestor Habkost, numa linda cerimônia regada ao som dos berimbaus, samba e com a presença da capoeiragem de Santa Catarina, Paraná e Rio Grande do Sul.

Figura 16 - Solenidade do Notório Saber na UFSC



Fonte: Joaquim Corrêa, 2016.

Assim, Mestre Nô vem coordenando os eventos realizados anualmente na Ilha de Santa Catarina. São trinta e um anos de trabalho de difusão da capoeira na cidade e na UFSC, através dos projetos de extensão. Atualmente, o projeto de extensão Capoeira da Ilha é coordenado pela professora do Colégio de Aplicação Danuza Meneghello, tendo como ministrante Mestre Polegar, sendo um dos núcleos da Capoeira Angola Palmares na cidade, dando continuidade ao trabalho iniciado pelo contramestre Alemão no ano de 1986. Nos eventos realizados, além dos batismos, troca de graduações, debates, exposições e rodas, Mestre Nô sempre ministra aulas, ensinando a capoeira, seus fundamentos e tradições, transmitindo seu conhecimento de ser um capoeira na roda e na vida!



### CAPÍTULO 3 - “CAPOEIRA NA RODA, CAPOEIRA NA VIDA”

#### 3.1 “O MEU MESTRE ME ENSINOU A JOGAR CAPOEIRA”: SABERES E FAZERES DE MESTRE NÔ

*Capoeira, capoeira  
O meu mestre me ensinou, a jogar capoeira.  
Meu mestre muito obrigado, pela luz que tu me deu  
Fundamento da mandinga, que muito me protegeu  
(Música de Mestre Pinóquio, 2004)*

Guardião de uma tradição centenária, Mestre Nô tornou-se um expoente da capoeira angola no Brasil e no mundo. Como educador, trabalha incansavelmente na formação de capoeiras, mestres e educadores populares. Sempre atuante, viaja todos os anos pelos estados brasileiros e pelo mundo, realizando aulas, cursos, seminários e encontros. Seu modo de ensino da cultura popular através da capoeira é utilizado por ele e por seus discípulos, demonstrando grande capacidade pedagógica, cultural e filosófica.

A atuação de Norival é marcante na capoeira. Durante décadas atuando como professor, contribuiu com o desenvolvimento dessa arte/luta de forma responsável e disciplinada, prezando sempre pelo processo educativo de ensino-aprendizagem pautado nos fundamentos tradicionais. Durante sua vida como mestre de capoeira, facilitou o aprimoramento de diversos capoeiristas, sendo seus discípulos ou não. Relata sempre que sempre fez e faz pela capoeira, pelo seu crescimento e manutenção dos conhecimentos tradicionais (MESTRE PAULINHO MOREIRA, 2013).

Todos os anos é realizado em Salvador e no município de Vera Cruz (Ilha de Itaparica), no mês de agosto, o Seminário Capoeira Angola Palmares, organizado por Mestre Nô e seus alunos. É um importante momento de formação e reflexão, principalmente para os mestres, contramestres e professores do grupo. Neste evento, são realizadas aulas de movimentação, fundamentos e comportamento de roda, além do intercâmbio dos capoeiras do Grupo Capoeira Angola Palmares dos vários países e estados brasileiros. Nas últimas três edições do seminário, os temas foram: Em 2015, “Você sabe o valor que o mestre tem?”; em 2016,

“A Roda de Capoeira é o Palco da Vida”, e, em 2017, “O Campo de Mandinga e a Fonte dos Saberes”.

Figura 17 – Cartaz Seminário 2016



Fonte: Joaquim Corrêa. Arte Erick Mansinho, Ano 2016.

Mestre Nô, nesses mais de cinquenta anos de mestria, aprimorou seu modo de dar aula. Para compreender melhor essa didática, foram analisadas aulas realizadas no encontro do Grupo Capoeira Palmares da Ilha de Santa Catarina em 2017.

Noite de 13 de setembro de 2017, sede do Grupo Quilombola do Mestre Pinóquio, bairro do Balneário do Estreito, Florianópolis. Aula de movimentação. Participaram vinte e três capoeiras adultos, entre alunos, professores, contramestres e mestres e teve a duração de duas horas e quinze minutos.

A aula começou com Mestre Nô pedindo licença ao dono da casa, sentando no chão, em roda com os participantes. Apesar de sua avançada idade, Mestre Nô já nos dá essa lição de humildade. Inicia com uma breve discussão teórica, questiona o grupo: “Por que treinamos a capoeira? Aonde esse treino nos leva? Qual o objetivo? Para que tanto treinamento?” Depois de algumas respostas dos participantes, Mestre Nô fala:

[...] que tudo o que faço na minha vida, eu levo pra roda, primeiro pra roda de capoeira, depois pra roda

da vida. Todo o treinamento temos que levar pra roda ou então não adianta treinar, se não aplicar na roda, tem que ter inteligência. Depois transfere pra roda da vida, traduzir as lições. É preciso aproveitar aquilo que treinamos (MESTRE NÔ).

Então Mestre Nô pergunta: “Vocês estão preparados para a minha aula?” Faz exercícios de aquecimento e alongamento: giros da cervical, giros dos braços e pernas, passando em seguida para movimentos da capoeira: benção, queixada e ginga.

O treinamento é organizado em duplas. Para melhor compreensão, vamos chamar de jogador “A” e jogador “B”. Primeira sequência: “A” e “B” saem no movimento do aú; “A” lança uma armada; “B” esquiva e dá uma meia lua de compasso. Enquanto os participantes da aula realizam o treino, Mestre Nô orienta as duplas. Explica que no jogo da capoeira há perguntas e respostas, golpes, esquivas e contragolpes.

Segunda sequência: “A” e “B” saem em aú; “A” bênção; “B” negativa e meia lua de compasso; “A” esquiva em diagonal e cabeçada. Mestre Nô fala novamente que todo treinamento feito deve ser levado para a roda de capoeira. Orienta que primeiro deve ser praticado na aula, que deve ter uma roda treino, para aplicar o que o mestre ensinou, colocar na prática o que foi treinado. Depois nas outras rodas que não conhecemos, de outros grupos, experimentar para ver se dá certo. Se não deu certo, tem que treinar mais. Na roda, tem que provocar, para se tornar um mandingueiro. Mandinga é malícia mais malandragem.

Terceira sequência: “A” meia lua de frente; “B” esquiva em negaça; “A” meia lua de frente; “B” esquiva em negaça; “A” aú procurando enganar para que lado que vai; “B” andar do camaleão ou também chamado “andar do calango”. Mestre Nô dá detalhes de como fazer o movimento “andar do calango”, explica para tomar cuidado com o punho. Depois deste treino, pergunta para o grupo se há dúvidas, se sentiram dificuldades na aula. Em duplas, escolha livre de uma sequência para treinar. Mestre Nô observa, passando pelas duplas e respondendo às dúvidas.

Quarta sequência, saída de jogo: “A” meia lua de compasso; “B” meia lua de compasso com outra meia lua voltando; “A” cabeçada; “B” negativa e rolê; “A” negativa e rolê para o lado contrário. Treinar para os dois lados e usar a malandragem para saber a hora da cabeçada. O mestre sempre chama as duplas para demonstrar a sequência. Quando não consegue, ele mesmo demonstra, fazendo os movimentos. Nesse momento, orienta cada dupla, para o aperfeiçoamento da técnica. Novamente Mestre Nô pergunta se há dúvidas sobre a aula.

Quinta sequência: “A” meia lua de frente; “B” esquivada em negaça; “A” martelo; “B” esquivada diagonal, rasteira e cabeçada; “A” negativa e rolê. Novamente chama as duplas, incentivando as mulheres para a demonstração. Fala do cuidado de dosar a força dos golpes, principalmente as cabeçadas, por ser um golpe perigoso, e também o cuidado que temos que ter quando jogamos com os mais novos de capoeira.

Na última parte do treino, as duplas sem gingar, fazem a quarta e a quinta sequência. Mestre Nô fala:

[...] entendam que a capoeira angola é assim: sequencialmente vai construindo o jogo. Nós, do Grupo Capoeira Angola Palmares, temos uma didática, que não é qualquer coisa. Essa didática é a arrumação e a formação da construção do jogo da capoeira, de como o jogo é constituído, desde o pé do berimbau. Isso é só o começo, é difícil! (MESTRE NÔ).

Figura 18 - Aula 1 do Mestre Nô



Fonte: Joaquim Corrêa, 2017.

Para finalizar a aula: a roda de capoeira. Primeiramente a bateria é formada, afinando-se os berimbaus. Mestre Nô, respondendo a uma pergunta, dá uma explicação sobre a posição da bateria e de seus instrumentos musicais. A roda começa com a ladainha e a louvação,

seguidas das quadras, corridos e o jogo dos capoeiras. Ao final da roda, Mestre Nô chama a atenção para jogar na roda o que treinamos na aula, o que foi ensinado e comenta:

[...] façam o que eu ensinei na roda. [...] Quero ver o resultado, o aproveitamento e o conteúdo da minha aula. [...] Não adianta nada eu secar minha garganta, espremer minha mente e abrir as páginas do meu conhecimento. Não vou me sentir um Mestre. Faço uma aula pra quem quer realmente aprender. Por favor, vamos ter respeito aos meus ensinamentos (MESTRE NÔ).

O que surpreende nas aulas de movimentação de capoeira do Mestre Nô é essa maneira de ensinar através das sequências. As sequências são partes do jogo da capoeira. Se observarmos vídeos antigos do Mestre Nô jogando na roda, perceberemos que as sequências criadas por ele são tiradas do seu jeito de jogar. Mestre Nô fala que sua didática é a arrumação e a formação da construção do jogo da capoeira. Ele ensina as sequências, dando sentido aos movimentos, aplicando na realidade, nas situações de roda. A partir de sua prática, experimenta na roda e transforma em teoria.

Em entrevista realizada pelo Mestre Nozinho, é feita a pergunta: o que é a técnica de Mestre Nô, a técnica do Grupo Capoeira Angola Palmares? Mestre Nô responde: “é o que era a capoeira angola no passado, da periferia de Salvador. É a minha *performance* particular. O meu jogo, é o meu jogo e o meu jeito de ser. Eu passo pros meus alunos o que eu tenho, o que eu sei”. (MESTRE NÔ, ENTREVISTA NA RÚSSIA, 2013). Mestre Nô ainda revela, da sua Pedagogia da Capoeiragem:

Bom, primeiro a palavra sequência eu já expliquei, eu já falei. Porque não quer dizer que a palavra sequência venha a ser um comparativo ou uma direção para a Capoeira Regional. Eu quero descartar essa possibilidade. Então eu falo na arrumação, arrumação da casa. Porque se você quer fazer a tua casa, e na planta da tua casa você tem a liberdade de fazer do jeito que você quiser. Quer botar o vaso sanitário no meio da sala? Pode botar! A liberdade é tua. Quer botar a cozinha no lugar do banheiro? Pode botar! Não tem problema. A liberdade é sua. ‘Mas rapaz isso aí tá errado’. Não tá errado não, cada qual faz o quer na tua casa. Quer fazer tua casa em cima da árvore? Faz! Não tem

casa em cima de árvore? Tem! Então faz! Se pode ser feito, você pode. Cada qual organiza sua casa do jeito que quer. Agora, fica sujeito às críticas, isso é outra história. Então, a minha organização foi essa. E eu vim me organizando daí, desde 1970 até 1990. Infelizmente não tenho dinheiro, não tenho capital, não tenho. [...] Até hoje eu ando nessa luta, de ter minhas condições pra eu fazer, eu não quero que ninguém venha fazer pra mim. É horrível você pedir a uma pessoa, a outra pessoa, você ficar escravo daquilo, ficar dependente, é a coisa pior da vida. Você não anda, ao invés de você adiantar seu lado, você fica parado, dependente que uma pessoa faça, pra poder então dali você continuar, isso não existe, sabe? É penoso pra chegar aí, até as condições de você ter e se libertar... (MESTRE NÔ, ENTREVISTA 3, 2017).

A segunda aula analisada foi na noite de 14 de setembro de 2017, no sede do Grupo Capoeira Angola Palmares do Mestre Polegar, bairro Pantanal, Ilha de Santa Catarina. Quinze capoeiras se reuniram para a aula do Mestre Nô, entre eles mestres, contramestres, professores e alunos. A aula teve duração de aproximadamente três horas e quatorze minutos, com o tema musicalidade. Sentado num banco de madeira, com os participantes na roda à sua frente, Mestre Nô iniciou a aula com um caloroso: “Boa Noite!”. Conversando informalmente com os presentes, regulou o anel da cabaça do berimbau, enquanto Mestre Calunga “armava” o mesmo, auxiliando-o nesta tarefa. Com a “verga” na mão, explicou sua qualidade e como afinar o berimbau. São vastos conhecimentos, adquiridos pela experiência, vivência, mestria e que foram passados aos participantes da aula. Falou de sua tática com o berimbau, de como armar, sua afinação, suas preferências, tocando e afinando o instrumento até chegar ao som que lhe agrada. A missão da aula foi a musicalidade da capoeira: música e seus instrumentos musicais.

Figura 19 - Aula 2 do Mestre Nô



Fonte: Joaquim Corrêa, 2017.

Na música, segundo os fundamentos da capoeira angola, Mestre Nô afirma que há quatro tipos de ritmos: ladainhas, quadras, corridos e chulas. Ladainhas são cânticos de louvor, com a melodia na forma de lamentos, podendo ser compostas no momento da roda, improvisadas. Vem sempre acompanhadas da louvação. Mestre Nô transmite seus conhecimentos abrindo a conversa aos participantes, respondendo às perguntas, criando um diálogo na roda. Faz um exercício: canta ladainhas e os participantes têm que completar com a louvação:

*Dia 2 de fevereiro  
Dia de festa no mar  
A Bahia tá em festa  
É dia de Iemanjá  
O presente é muito grande  
Também tem Candomblé  
Minha Deusa preferida  
Pra você dou minha fé, camarada  
(Ladainha)*

*Iê viva meu Deus...  
Iê viva meu Deus, camará!  
(Louvação)*

Seguindo com os tipos de música na capoeira, as quadras são cânticos em versos. Na construção histórica das músicas da capoeira, Mestre Nô afirma que existem quadras muito antigas e também presentes em outras manifestações culturais afro-brasileiras, principalmente as oriundas do Recôncavo Baiano. As quadras são formadas por versos e o coro, também podendo ser improvisadas.

*Paraná ê, Paraná ê, Paraná (coro)*  
*Vou me embora pra Bahia, Paraná*  
*Porque lá é meu lugar, Paraná*  
*Parana ê, Parana ê, Paraná (coro)*  
*(Quadra)*

Os corridos são cânticos com ritmo mais intenso, perguntas e respostas, onde são cantados os versos e o coro é respondido logo em seguida,

*Ê a cobra me morde*  
*Senhor de São Bento (coro)*  
*Ê a cobra mordeu*  
*Senhor de São Bento (coro)*  
*(Corrido)*

Por último, as chulas, músicas de capoeira não apresentando as características da ladainha, quadra ou corrido. Podem também ser uma disputa de dois cantadores na bateria, que devem estar no berimbau, *chulando* com versos provocativos, podendo acontecer com os jogadores na saída do pé do berimbau,

*Quando morrer, não quero choro de mulher*  
*Quero um berimbau tocando*  
*Na porta do cemitério*  
*Com uma fita amarela, ai meu Deus*  
*Gravada com nome dela*  
*E ainda depois de morto*  
*Besourinho Cordão de Ouro*  
*E o meu nome?*  
*É Besouro*  
*E o nome dele?*  
*Cordão de Ouro*  
*(Chula)*

Mestre Nô falou da professora Emília Biancardi, uma referência do estudo da musicalidade das manifestações culturais do Recôncavo Baiano. Por que se canta na roda de capoeira? As músicas são mensagens, de acordo com as situações da roda. Servem para a comunicação entre os



capoeiras que estão na roda. O berimbau também faz esse papel, com os fundamentos dos toques e chamadas. Existem códigos que são disfarçados, segredos que só os que conhecem os fundamentos entendem.

Tem algumas músicas que Mestre Nô não gosta, não aprova.<sup>5</sup> Apesar de serem tradicionais, são músicas discriminatórias, que tem sentido de assédio, principalmente às mulheres. Devemos estar atentos às letras das músicas, pois elas têm um poder muito grande.

Tradicionalmente, na bateria quem canta deve estar no berimbau, com exceção do mestre. Após a ladainha e a louvação, fica livre o ritmo que será cantado (quadra, corrido ou chula). O ritmo deve ser crescente e equilibrado, cuidando para que os instrumentos de couro não comandem a roda, respeitando sempre o berimbau, ele é quem manda!

Mestre Nô ressaltou que nessa aula está ensinando o básico da musicalidade da capoeira. A base é a direção da estrutura. Se chegar muito alto e tiver uma base fraca, vai cair.

Na parte instrumental da bateria da roda de capoeira, os principais instrumentos são os três berimbaus e dois pandeiros. Complementando, vêm a agogô, ganzuá e o atabaque. Se bem tocados, a roda tem Axé. Mas se não tiver um bom ritmo, não haverá uma boa energia na roda.

Falou do pandeiro e demonstrou o toque e a importância de seus arranjos (dobrados).

Sobre o berimbau, são utilizados três na roda: o berra boi, o viola e o violinha. Gunga é sinônimo de berimbau, expressão muito utilizada pelos mestres antigamente. Na década de 1960, houve muito debate e polêmica sobre este assunto. Mestre Nô decidiu seguir os fundamentos que são preservados e repassados por ele, oriundos de sua linhagem da capoeira.

Mestre Nô falou sobre as diferenças na afinação dos tipos do berimbau (berra boi, viola e violinha). Explicou sobre a função de cada um. O berra boi faz a marcação no toque de angola. O berimbau viola, no início da roda, quando cantamos a ladainha, toca angola ou São Bento Pequeno. Explicou e executou alguns toques tradicionais do berimbau da capoeira angola (base e seus dobrados): Angola, São Bento Pequeno, São Bento Grande, banguela, Santa Maria, gêge e “panha laranja no chão tico-tico”. Cada toque tem seu tipo de jogo e comportamento na roda. O berimbau violinha faz os dobrados de cada toque.

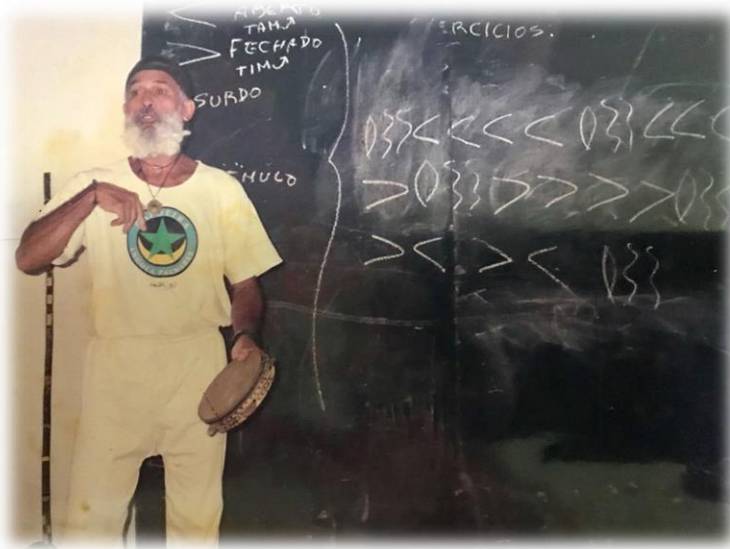
---

<sup>5</sup> Músicas de duplo sentido como “Levanta a saia, lá vem a maré” e “Leva morena me leva, me leva pro seu bangalô” são exemplos de músicas que Mestre Nô não gosta.

Para finalizar a aula, a bateria foi formada com os participantes que executaram na prática os ensinamentos adquiridos, com a orientação de Mestre Nô.

No início da década de 1980, pela necessidade de ensinar um aluno que estava com dificuldade em aprender a tocar o berimbau, com toda a sua criatividade e inteligência, Mestre Nô cria um método de ensinar através de sinais gráficos. Além de facilitar a aprendizagem de se tocar o berimbau, também é um registro dos toques tradicionais da capoeira angola, para que não se percam com o tempo ou se descaracterizem.

Figura 20 - Aula sobre os sinais gráficos dos toques do berimbau



Fonte: Mestre Pinguim. Maceió, 1999.

A musicalidade é muito importante na Pedagogia da Capoeiragem. Quanto melhor a musicalidade do capoeira, mais energia, mais Axé nas rodas, melhor será o seu jogo. “A música de capoeira é um código de mensagens e sentimentos, surgido de um processo histórico. Em seu canto e ritmo foram manifestadas as angústias, as tristezas, a luta por dias melhores” (ACCURSO, 1995, p. 109). Para Pedro Abib,

As músicas e ladainhas no universo da capoeira são também elementos importantíssimos no processo de transmissão dos saberes, pois é através delas que se cultuam os antepassados, seus feitos heroicos, seus exemplos de conduta, fatos históricos e lugares

importantes para o imaginário dos capoeiras (ABIB, 2016, p. 93).

Além da música como instrumento no ensino na capoeira, Mestre Nô utiliza também os ditados populares. Sempre exemplificando com muito bom humor situações de roda e da vida, através dos ditados. É um grande contador de histórias.

No ginásio da capoeira do Centro de Desportos da UFSC, da noite de 15 de setembro de 2017, foi realizada a terceira aula analisada. Participaram vinte e nove capoeiras e teve a duração de duas horas e vinte e sete minutos. A aula inicia com uma conversa sobre o conteúdo que será ministrado: movimentos, fundamentos e comportamentos, tudo o que acontece na roda de capoeira.

É formada a bateria. Movimentos: os participantes espalhados no ginásio, Mestre Nô à frente, fazendo os movimentos, ginga, esquiva lateral, esquiva de fundo, esquiva em diagonal, negativa e rolê, depois gingando dois a dois.

Primeira sequência: “A” meia lua de frente; “B” negaça; “A” meia lua de frente; “B” negaça, “A” benção; “B” negativa e rolê. Segunda sequência é a primeira sequência ampliada, com os seguintes movimentos: “B” meia lua de compasso; “A” esquiva lateral e aú; “B” cabeçada e finalizada com a “volta ao mundo”, fundamento da capoeira angola.

Enquanto os participantes da aula fazem o treinamento, Mestre Nô orienta cada dupla, como também a bateria de instrumentos. Mestre Nô explica que para cada indivíduo há um tipo de jogo. Numa roda, tem que se fazer um jogo diferente para cada pessoa. As movimentações podem ser as mesmas, mas as táticas deverão ser diferentes. Esse é um comportamento que o mestre faz na roda, muda sempre de estratégia, cria um jogo diferente para cada jogador, muda de tática para cada situação.

Mestre Nô fala sobre o objetivo e demonstra os tipos de chamada, importante fundamento da capoeira angola. Novamente as duplas treinam as sequências, finalizando com a “volta ao mundo” e a chamada. Pergunta ao grupo se há dúvidas e uma pergunta é feita sobre a chamada. Novamente demonstra e explica as chamadas, com suas entradas e saídas.

A roda é formada. Os participantes jogam e tentam colocar na roda as sequências aprendidas na aula. Mestre Nô fica atento, observando a roda.

Figura 21 – Aula 3 do Mestre Nô



Fonte: Joaquim Corrêa, 2017.

Mestre Nô comentou os jogos, os comportamentos e os fundamentos da roda. O que é treinado na aula deve ser aplicado na roda. Falou sobre a saída do jogo, chamadas e outras situações, dando exemplos do respeito e cuidados que devemos ter na roda de capoeira e na roda da vida. Comenta também sobre a bateria, que define o ritmo e os jogos da roda. Respondeu as dúvidas dos participantes. Mestre Nô fala que antigamente a capoeira era menos violenta e mais perigosa, porque o perigo para o capoeirista, estava no seu comportamento na roda da vida. O que ensina na capoeira é a defesa na vida, a não violência.

### 3.2 IÊ VIVA MEU MESTRE! (CONSIDERAÇÕES FINAIS)

*Menino quem foi teu mestre? Meu mestre foi Salomão  
Sou discípulo que aprendo, mestre quem dá lição  
O segredo de São Cosme, só quem sabe é Damião  
Camará...  
(Ladainha, Domínio Público)*

“Eu aprendi a jogar capoeira de angola na beira do mar”<sup>6</sup>. Este “campo de mandinga” é uma fonte de saberes, uma arte que me encanta

---

<sup>6</sup> Cantiga da capoeira.

há três décadas, jogando nas rodas, ensinando e aprendendo. É luta de resistência política e cultural.

Na “Volta ao Mundo de Mestre Nô”, através da história oral, a presente pesquisa buscou registrar sua trajetória de vida, porém há necessidade de aprofundar os estudos e registros em relação sua história, em cada lugar por onde passou e plantou seu trabalho. Dos seus saberes e fazeres definiu um modo peculiar de ensinar a capoeira, a sua Pedagogia da Capoeiragem.

Mestre Nô é um educador em movimento. Imerso no mundo da capoeira, traz experiência e humaniza suas práticas. Com o passar dos anos de sua mestria, aprendeu a dialogar, a ter humildade, estar aberto às contribuições de seus alunos, numa relação horizontal. Na busca do conhecimento, afirma que:

Eu sempre fui numa direção boa, muito boa, sendo criticado, sendo falado ou elogiado. Sempre segui na minha estrada, sempre olhando por cima, à distância. Não vou nunca olhar pro meu umbigo, não vou baixar a cabeça, vou olhar sempre lá na frente [...]. Eu quero aprender, eu quero evoluir, quero aprender com meus alunos, quero também aprender com participantes de outros grupos, quero passar o que eu tenho (MESTRE NÔ, ENTREVISTA 4, 2018).

A visão do processo de ensino e aprendizagem de Mestre Nô é de emancipação. “Ele coloca na prática a capoeira no contexto de sua vida. Consegue, por sua experiência, e por ser um griô, visualizar coisas muito na frente, que a gente não consegue no presente” (MESTRE PAULINHO, 2018). “Em suas aulas para um grupo, ele consegue perceber a individualidade de cada aluno, dando a liberdade e autonomia” (PROFESSORA TARTARUGA, 2018). “Os ensinamentos na roda de capoeira (esquivas, entradas, chamadas) são sempre associados a momentos da vida” (MESTRE PINGUIM, 2018). Para o Mestre Marco Baiano:

O Mestre Nô tem uma didática própria, desenvolvida, e ainda em processo de evolução, durante toda vida de capoeirista dele. Os seus fundamentos são os da capoeira angola pura, de rua e das rodas e academias por onde ele passou e foi adquirindo conhecimento. No momento de ensinar, o Mestre Nô usa a roda de capoeira como palco da vida, trazendo todas as relações sociais nas

movimentações e jogo. Sua técnica também é própria, a movimentação do Mestre Nô é única e criada por ele mesmo. Os golpes e contragolpes são os tradicionais e já conhecidos, mas a maneira como acontecem no jogo é única, é marca registrada do mestre (MESTRE MARCO BAIANO, 2018).

O mestre de capoeira é aquele que permite que seus saberes sejam transmitidos. Mestre Nô ensina e aprende, tem uma liderança revolucionária. Para Freire (1983), o educador deve ser um agente de mudança e a educação é sempre um ato político. Com a Pedagogia da Capoeiragem, Mestre Nô aprendeu a ter um olhar crítico da história e do mundo em que vivemos.

O país, como é que é a situação do nosso país? Querem um povo analfabeto ou semianalfabeto. Porque o poder não quer que as pessoas sejam instruídas, pra ser dominadas. Então é o mesmo caso. Dificilmente as pessoas querem que o mestre seja instruído, porque senão ele... pôxa, não vai poder tirar dele, mais nada, com medo de ajudar. Não, eu não tenho medo de ajudar, não tenho medo de ajudar porque ajudar é tão bom quanto ser ajudado. Nós crescemos, por isso. Quem tem medo de perder, já tá vencido! Não. Tem que fazer, tem que ser assim. Então eu me organizei, procurei me organizar [...]. Mas eu tive que me virar pra aprender, fui criticado [...]. Eu contribuí com as minhas formas de ensinar, com a minha estética, sabe? Com as minhas *performances* (MESTRE NÔ, ENTREVISTA 3, 2017).

Uma liderança que não seja dialógica com as massas mantém a sombra do dominador dentro de si e não é revolucionária (FREIRE, 1987). Ainda para Freire, “a consciência crítica não se constitui de um trabalho intelectualista, mas na práxis, na ação e reflexão” (FREIRE, 1977, p. 82). A ação pedagógica de Mestre Nô é dialógica. No depoimento de sua aluna, afirma que Mestre Nô:

É um educador genuíno. Sua metodologia faz com que a gente aprenda fazendo. Ensina aquilo que já experimentou, testou, vivenciou. Não inventa. É um mestre que ensina a própria lição que aprendeu. O seu ensinamento tem gosto de verdade. Capoeira

na Roda, Capoeira na Vida! Essa frase resume o todo que os ensinamentos do Mestre Nô significa. Comportamentos, fundamentos, movimentações, malandragem, jogo, perder e ganhar, avançar ou recuar, atender ou não a uma chamada... Tudo isso considerando a vida cotidiana, aos provérbios populares, os conselhos dos mais velhos, a lógica das relações sociais, o perigo de viver em meio a tantas violências, a responsabilidade com o outro, o alcançar ou não o objetivo, a queda, o levantar da queda... Ao ensinar capoeira a luz da vida o Mestre Nô dá lógica ao jogo, ao toque, as músicas, aos golpes, aos sentimentos, a instrumentação e ao ser... Ser humano, cheio de virtudes e pontos para melhorar, que vive a vida, assim como joga, que joga a capoeira assim como vive a vida. Com isso todo processo de formação ocorre em paralelo, aprendo na roda, utilizo na vida, aprendo na vida, utilizo na roda (CONTRAMESTRA DANUZA, 2018).

Mestre Nô, além de transmitir os fundamentos tradicionais da capoeira angola, ensina também seus professores, contramestres e mestres a ministrarem suas aulas, bem como, a organização do trabalho com a capoeira. Sempre ajudou e ainda ajuda seus alunos, não só nos ensinamentos em relação à capoeira, mas também na vida. Mestre Marco Baiano relata muito bem o sentimento em relação ao nosso mestre:

Um amigo, um pai e um Mestre. Por ser tudo isso em uma só pessoa, o Mestre Nô consegue ser alguém admirável e exemplar. Seus pensamentos estão muitos anos à frente da sua geração. Com o Mestre Nô aprendo todos os dias que estou com ele, aprendo mesmo sem saber que estou aprendendo. E o mais impressionante é que algumas coisas que o Mestre fala e vê só são perceptíveis por muitos dos seus alunos, muito tempo depois. O Mestre é uma fonte inesgotável de conhecimento e ações. É um exemplo vivo de bondade, humanidade, respeito e cuidados pelas pessoas, sem perder a sabedoria necessária para transitar e “ganhar” jogos em várias esferas da vida. Mestre Nô é vida, é povo, é Mestre que orgulha seus discípulos. Já ouvi alguém falar que Mestre Nô é a Capoeira. Vou mais além: o

Mestre Nô é a Capoeira na vida (MESTRE MARCO BAIANO, 2018).

A Capoeira “nos ensina muitas coisas boas, nos dá experiência como capoeirista e como ser humano, nos preparando pra roda da vida” (MESTRE ORLI, 2018). “Capoeira na Roda, Capoeira na Vida” é um pensamento de Mestre Nô e que é seguido por ele e muitos de seus discípulos. É o lema de sua vida.

Desde a minha adolescência, eu sempre tive isso na minha cabeça, porque estou praticando essa arte? Desde que eu me entendo como gente, preocupado com meu futuro, o que eu iria ganhar com isso? A minha decisão foi colocar em prática o que eu vinha treinando. Eu adotei essa forma de falar, vou levar pra vida o que eu faço na roda. Essa foi a maneira que eu tive de ter força pra continuar na capoeira, viver da e para a capoeira. A frase “Capoeira na Roda, Capoeira na Vida” foi determinante para que eu seguisse, correndo atrás para aprender, aprendendo e ensinando, ensinando e aprendendo! Sempre nesse lema, a cada segundo na minha vida, estou praticando a capoeira, treinando e colocando em prática na grande roda da vida. E o resultado é positivo, é favorável (MESTRE NÔ, ENTREVISTA 4, 2018).

Paulo Freire nos diz que não há educação sem amor, e “o amor implica lutar contra o egoísmo. Quem não ama não compreende o próximo, não o respeita (FREIRE, 1983, p. 29). A Pedagogia da Capoeiragem de Mestre Nô, o ato de ensinar, de ser um mestre de capoeira, é um gesto de amor e de entrega incondicional aos seus alunos, é uma vida inteira dedicada a arte capoeira.

Das dificuldades e diversidades da vida, Mestre Nô fez da capoeira sua escola, que lhe deu sabedoria e uma filosofia, transmitida aos seus alunos. Revela sua técnica e táticas de jogo, ensina também sobre a mandinga, definida por ele como malícia mais malandragem. Só é mandingueiro que tem vivência de roda, principalmente nas rodas de rua, onde nos deparamos com o inesperado, com a energia do povo ao redor da roda, com o inusitado. Mestre Nô tem imensa bagagem das rodas vividas em Salvador, no Brasil e no mundo. Tem sotaque e o jeito soteropolitano de ser. É um mandingueiro! Mestre de capoeira na roda e na vida!



*Iê viva meu mestre  
Iê viva meu mestre, camará!  
Iê quem me ensinô  
Iê quem me ensinô, camará!  
Iê foi Mestre Nô  
Iê foi Mestre Nô, camará!  
(Louvação, Domínio Público)*



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABIB, Pedro Rodolpho Jungers. **Os Velhos Capoeiras Ensinam Pegando na Mão**. Cadernos do Centro de Estudos Educação e Sociedade, Campinas, v. 26, n. 68, p. 86-98, jan./abr. 2006.

ABREU, Frederico José de. **O Barracão do Mestre Waldemar**. Salvador: Editora Zarabatana, 2003.

ABREU, Frederico José de. **A repressão à Capoeira**. Revista Textos do Brasil: Capoeira. Ministério das Relações Exteriores, Brasília, n. 14, p. 34-42, nov. 2008. Disponível em: <<http://dc.itamaraty.gov.br/imagens-e-textos/revista-textos-do-brasil/portugues/edicao-no-14-capoeira>>. Acesso em: 14 jul. 2017.

ACORDI, Leandro de Oliveira. **Memória e Experiência: elementos de formação do sujeito de capoeira**. 293 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Pós-Graduação em Educação, Centro de Educação, UFSC, Florianópolis, 2009.

ACCURSO, Anselmo da Silva. **Capoeira: um instrumento de Educação Popular**. Porto Alegre: Publicado Pelo Autor, 1995.

ADINOLFI, Maria Paula. **Outra roda é possível: Caladas, nunca mais! UFBA em pauta**. 2018. Disponível em: <[https://www.ufba.br/ufba\\_em\\_pauta/mesa-composta-por-mulheres-discute-sexismo-na-capoeira](https://www.ufba.br/ufba_em_pauta/mesa-composta-por-mulheres-discute-sexismo-na-capoeira)>. Acesso em: 26 mar. 2018.

AGUIAR, Wanda Maria Junqueira de; OZELLA, Sergio. **Núcleos de significação como instrumento para a apreensão da constituição dos sentidos**. Revista Psicologia: Ciência e Profissão. 2006, vol.26, n.2, p. 222-245. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S1414-98932006000200006>>. Acesso em: 20 set. 2017.

AGUIAR, Wanda Maria Junqueira de; SOARES, Júlio Ribeiro; MACHADO, Virgínia Campos. **Núcleos de Significação: uma proposta histórico-dialética de apreensão das significações**. Cadernos de Pesquisa, São Paulo, v. 45, n. 155, p. 56-75, Jan./Mar. de 2015. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/198053142818>>. Acesso em: 20 set. 2017.

ALBERTI, Verena. **Histórias dentro da História**. In: PINSKY, Carla Bassanezi. Fontes Históricas. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2006. p. 155-202.

AREIAS, Almir das. **O que é capoeira**. 5ª ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1983.

ARROYO, Miguel Gonzalez. **Ofício de Mestre: Imagens e autoimagens**. Petrópolis - RJ: Editora Vozes, 2000.

ARROYO, Miguel Gonzalez. **Pedagogias em Movimento: o que temos a aprender dos Movimentos Sociais?** Currículo Sem Fronteiras: revista para uma educação crítica e emancipatória, v.3, n.1, pp.28-49, Jan/Jun 2003. Disponível em:

<<http://www.curriculosemfronteiras.org/vol3iss1articles/arroyo.pdf>>.

Acesso em: 30 out. 2017.

ARROYO, Miguel Gonzáles. **Outros Sujeitos, Outras Pedagogias**. Petrópolis - RJ: Editora Vozes, 2012.

BASTOS, Rossano Lopes. **Patrimônio Afro-brasileiro**. Curso ministrado pela Escola Afro Popular de Formação Política Leonor de Barros. Florianópolis. 2017.

BRASIL. IPHAN. **Certidão do Ofício dos Mestres de Capoeira**. Decreto número 3.551. Livro de Registro dos Saberes, folha 8. Registro número 5. Brasília, 2008.

BRASIL. IPHAN. **Dossiê IPHAN: Roda de Capoeira e Ofício dos Mestres de Capoeira**. Brasília, 2014.

BRASIL. IPHAN. **Cais do Valongo: Patrimônio Cultural Mundial**. Rio de Janeiro, 2017. Son., color. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=1msNQHCCEtk>>. Acesso em: 29 abr. 2018.

BRITO, Valmir Ari. **A (in) Visibilidade da Contribuição Negra nos Grupos de Capoeira de Florianópolis**. 101 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Pós-Graduação em Educação, Centro de Educação, UFSC, Florianópolis, 2005.

BUARQUE, Chico. **Apesar de Você**. LP Álbum Chico Buarque. Polygram/Philips, Rio de Janeiro, 1978.

CARDOSO, Marcos Antônio. Patrimônio Cultural Negro-Africano: Desafios Contemporâneos. In: NOGUEIRA, João Carlos; NASCIMENTO, Tânia Tomázia do. **Patrimônio Cultural, Territórios e Identidades: Núcleo de Estudos Negros**. Florianópolis: Atilendè, 2012. p. 21-39.

CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisas em ciências humanas e sociais**. São Paulo. Cortez. 2006.

CORRÊA, Joseane Pinho; PINTO, Fábio Machado (Org.). **Dossiê: Norival Moreira de Oliveira**. Florianópolis: Não Publicado, 2013. 120 p.

DELEUZE, Gilles. **A imagem-movimento: Cinema 1**. São Paulo: Brasiliense, 1983. 244 p.

DEMO, Pedro. **Pobreza política**. Coleção Polêmicas do Nosso Tempo. São Paulo. Cortez. 1988.

ENTREVISTA CONTRAMESTRA DANUZA, 2018.

ENTREVISTA MESTRE MARCO BAIANO, 2018.

ENTREVISTA MESTRE ORLI, 2018.

ENTREVISTA MESTRE PINGUIM, 2018.

ENTREVISTA MESTRE PAULINHO, 2018.

ENTREVISTA PROFESSORA TARTARUGA, 2018.

FANON, Frantz. **Os Condenados da Terra**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

FERNANDES, Florestan. **Significado do protesto negro**. São Paulo: Cortez, 1989.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário**. Curitiba: Positivo. 2010.

FERREIRA, Norma Sandra de Almeida. **As Pesquisas Denominadas “Estado da Arte”**. Educação & Sociedade: UNICAMP, São Paulo, n. 79, p. 257-272, ago. 2002.

FREIRE, Paulo. **Educação como Prática da Liberdade**. Rio de Janeiro. Paz e Terra. 1967.

FREIRE, Paulo. **Conscientização: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire**. São Paulo: Cortez & Moraes. 1980.

FREIRE, Paulo. **Ação cultural para a liberdade**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

FREIRE, Paulo. **Educação e Mudança**. 10<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra Educação, 1987.

GOMES, Nilma Lino. Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão. In: BRASIL. **Educação Antirracista: caminhos abertos pela Lei federal nº 10.639/03**. Brasília, MEC, Secretaria de educação continuada e alfabetização e diversidade, 2005. P. 39 - 62. Disponível em: <<http://www.acaoeducativa.org.br/fdh/wp-content/uploads/2012/10/Alguns-terminos-e-conceitos-presentes-no-debate-sobre-rela%C3%A7%C3%B5es-Raciais-no-Brasil-uma-breve-discuss%C3%A3o.pdf>>. Acesso em 15 outubro de 2017.

IBGE (Org.). **Itaparica: História**. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ba/itaparica/historico>>. Acesso em: 20 jul. 2018.

IBGE (Org.). Florianópolis. **História**. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sc/florianopolis/historico>. Acesso em: 20 jul. 2018.

KNABBEN, Kiko. Nego Bom de Pulo: Sinopse. 2015. In: **Blog da Jô Capoeira**. Disponível em: <<https://jocapoeira.com/2015/10/>>. Acesso em: 30 out. 2017.

LARA, Dona Ivone. **Lamento do negro** (Caboré - Onofre - Heitor dos Prazeres Filho). CD: Alegria Minha Gente. Rio de Janeiro: Produção Rildo Hora. 1982.

LOIZOS, Peter. Vídeo, filme e fotografias como documentos de pesquisa. In: BAUER, Martin W.; GASKEEL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: Um manual prático**. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 137-155.

MANNRICH, Maria Eli Braga. **Pão por Deus: Vivo na cultura brasileira**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2007. 234 p.

MATÉRIA, Mestre Tonho. Essa arte. In: CD: **Sou Mangangá**. Salvador: Polydisc, 2002.

MESTRE NÔ. **Entrevista Rússia**. Realização Mestre Nozinho. (29 min.). **Moscow**. Julho de 2013. Disponível em:

<<https://www.youtube.com/watch?v=8n112-O-xmY&t=275s>>. Acesso em: 7 nov. 2017.

MESTRE NÔ. **Entrevista 1**. Realização Danuza Meneghello e Joseane Pinho Corrêa. (29 min.). Florianópolis. Outubro de 2016.

MESTRE NÔ. **Entrevista 2**. Realização Danuza Meneghello. (63 min.). Canoas. Outubro de 2016.

MESTRE NÔ. **Entrevista 3**. Realização Danuza Meneghello e Joseane Pinho Corrêa. (89 min.). Florianópolis. Setembro de 2017.

MESTRE NÔ. **Entrevista 4**. Realização Danuza Meneghello. (52 min.). Coroa. Vera Cruz – BA. Fevereiro de 2018.

MORAES, Mestre. **Rei Zumbi dos Palmares**. CD: Capoeira Angola from Salvador Brazil. Grupo De Capoeira Angola Pelourinho. Nova York. 1996.

MOREIRA, Paulo. **Mestre Nô**: relato simbólico de sua vida. Salvador: Não Publicado, 2013.

MOURA, Clóvis. **Rebeliões da Senzala**. 3ª ed. São Paulo: Ciências Humanas, 1981.

MOURA, Clóvis. **Os quilombos e a Rebelião Negra**. 5ª ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1986.

MUNANGA, Kabengele. **Diversidade, identidade, etnicidade e cidadania**. 2012. Ação Educativa. São Paulo. Disponível em: <<http://www.acaoeducativa.org.br/fdh/wp-content/uploads/2012/09/Palestra-Kabengele-DIVERSIDADEEtnicidade-Identidade-e-Cidadania.pdf>>. Acesso em: 16 fev. 2017.

NASCIMENTO, Abdias. **Celebração de Zumbi dos Palmares**. In: Thoth: 3ª ed. Brasília: Secretaria Especial de Editoração e Publicações, p. 111-117, 1997.

NEGO BOM DE PULO. Florianópolis, 2015. Color. Direção de Kiko Knabben. Produção de Kiko Knabben e Giorgia Enae. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=TsWIRAKg5no&t=203s>>. Acesso em: 30 out. 2017.

OLIVEIRA, Luiz Fernandes de. **O que é uma educação decolonial?** Nuevamérica (Buenos Aires), v. 149, p. 35-39, 2016.

ONU BRASIL. **Novo Patrimônio Mundial da UNESCO: Cais do Valongo** marca presença da herança africana no Brasil. Realização de Rio de Janeiro: Onic Rio, 2017. Son., color. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=HufcVvJlgGw>>. Acesso em: 29 abr. 2018.

OTTO, Clarícia. **Nos rastros da memória**. Florianópolis: NUP/CED/UFSC, 2012.

**Parecer da Solicitação de Notório Saber do Requerente Norival Moreira de Oliveira**. Processo n° 23080.014870/2015. UFSC. 2015.

PASSOS, Joana Célia. **Bell Hooks e Paulo Freire: diálogos transgressores na formação docente**. VI Colóquio Diálogos Freireanos. FAED/UEDESC. Florianópolis. 2018.

PERKOV, Paulo Lara. **Capoeira: possibilidade de educação emancipatória junto a jovens de classes populares?** 2012. 133 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Pós-Graduação em Educação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2012.

PEREIRA, João Baptista Borges. **A cultura negra: resistência de cultura à cultura de resistência**. In: Revista Dédalo – Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia da USP. 23: 177-188. São Paulo. 1984.

PINÓQUIO, Mestre. **Ao mestre com carinho**. CD: Andanças. Florianópolis: Escola de Capoeira Angola Quilombola, 2004.

PINÓQUIO, Mestre. **Não é luta do patrão**. CD: Não é luta do patrão. Florianópolis: Escola de Capoeira Angola Quilombola, 2012.

PINÓQUIO, Mestre; CORRÊA, Joseane Pinho; MENEGHELLO, Danuza; PINTO, Fábio Machado. **Cadernos de Capoeira: Capoeira da Ilha**. Florianópolis: Add Livros, 2014.

PINTO, Fábio Machado. Notório Saber: UFSC. 2015. In: **Mestre Nô: Capoeira na Roda, Capoeira na Vida**. Disponível em: <<https://mestreno.wordpress.com/2015/12/>>. Acesso em: 30 out. 2017.

RAMOS, Alberto Guerreiro. **O problema do Negro na Sociologia Brasileira**. Cadernos de Nosso Tempo, São Paulo, v. 2, n. 2, p.189-220, Jan/jun de 1954. Republicado em O Pensamento Nacionalista e os “Cadernos de Nosso Tempo”. Brasília, Câmara dos Deputados e Biblioteca do Pensamento Brasileiro, p. 39-69, 1981.



REGO, Waldeloir. **Capoeira Angola**: ensaio sócio-etnográfico. Bahia. Editora Itapoã. 1968.

RODRIGUES, Edgar. **Os libertários**: ideias e experiências anarquistas. Rio de Janeiro. Editora Vozes. 1988.

RODRIGUES, Sara Martin; SILVA, Maria da Conceição Fonseca. **O cinema por Deleuze**: imagem, tempo e memória. 2010. VI Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura. Salvador. Bahia. Disponível em: <<http://www.cult.ufba.br/wordpress/24291.pdf>>. Acesso em: 12 mar. 2018.

ROMANOWSKI, Joana Paulin; ENS, Romilda Teodora. **As Pesquisas Denominadas do Tipo “Estado da Arte” em Educação**. Revista Diálogo Educacional: PUCPR, Curitiba, v. 6, n. 19, p.37-50. 2006.

SCHÜLZE, Fritz. Pesquisa biográfica e entrevista narrativa. In: Wivian Weller; Nicole Pfaff. (Org.). **Metodologias da Pesquisa Qualitativa em Educação**: Teoria e Prática. Petrópolis: Vozes, 2010. p. 211-222.

SILVA, Carlos José. **A Pedagogia da Autonomia no Contexto da Capoeira como Dança**. 2011. 91 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Pós-graduação em Educação, Centro de Educação, Universidade Regional de Blumenau, Blumenau, 2011.

SILVA, Carlos José. **Educação e Capoeira como agentes de autonomia**. Anais da IX ANPEd Sul. GT 21 Educação, Cultura e Relações Étnico-Raciais. Caxias do Sul. 2012.

SILVA, Marco Antonio Santos da. **A Prática da Capoeira como Espaço de Formação**. 2012. 155 f. Tese (Doutorado) - Curso de Doutorado em Educação, Universidad del Mar, Viña del Mar, 2012.

SOARES, Carlos Eugênio Líbano. **A Guarda Negra**: a capoeira no palco da política. Revista Textos do Brasil: Ministério das Relações Exteriores, Brasília, n. 14, p.45-52, 2008. Disponível em: <<http://dc.itamaraty.gov.br/imagens-e-textos/revista-textos-do-brasil/portugues/educacao-no-14-capoeira>>. Acesso em: 25 jul. 2017.

Só de sacanagem. Intérpretes: Elisa Lucinda. Rio de Janeiro: Espalhe O Bem, 2014. P&B. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=J4C8txnpZ0k>>. Acesso em: 25 jul. 2018.

TRINDADE, Azoilda Loretto da. Valores Civilizatórios Afro-Brasileiros Na Educação Infantil. **Valores Afro-brasileiros na Educação**,

Ministério da Educação. Brasil, n. 22, p.30-36, nov. 2005. Disponível em:  
<<https://culturamess.files.wordpress.com/2012/01/valoresafrobrasileiros.pdf>>. Acesso em: 10 mar. 2018.

VON SIMSON, Olga Rodrigues de Moraes. Contribuições da história oral em processos de transformação social e empoderamento de grupos. In. WELLER, Wivian; PFAFF, Nicolle. **Metodologias da pesquisa qualitativa em educação: teoria e prática**. Petrópolis: Vozes, 2010. p. 324-333.

VARGAS, Mestre Toni. **Dona Isabel**. CD: Liberdade. Rio de Janeiro: Iê Produções, 2003.

WALSH, Catherine. Lo pedagógico y lo decolonial: Entretejiendo caminos. In: **Pedagogías decoloniales: prácticas insurgentes de resistir, (re)existir y (re)vivir**. (Tomo 1). Quito, Ecuador: Ediciones Abya-yala, 2013.

## APÊNDICES

## APÊNDICE A - ROTEIRO DAS ENTREVISTAS COM MESTRE NÔ

### **ENTREVISTA 1**

Data: 14 de outubro de 2016

Local: Florianópolis - SC

Participantes: Danuza e Jô Capoeira

Duração: 29m:22s

Mestre Nô, nos conte sobre sua mãe e seu pai. E seu avô Olegário?

Como foi sua infância?

Como foi sua escolarização?

Como era o ensino de capoeira na sua época de aluno?

### **ENTREVISTA 2**

Data: 20 de outubro de 2016

Local: Canoas – RS

Participante: Danuza

Duração: 1h:03m:13s

Como foi se formar na Massaranduba? Foi definidor no seu modo de viver ensinar a capoeira?

O senhor se considera um capoeira forjado na rua, no bairro?

Quais suas principais referências de ontem e de hoje?

E as rodas de rua?

### **ENTREVISTA 3**

Data: 28 de setembro de 2017

Local: Florianópolis - SC

Participantes: Danuza e Jô Capoeira

Duração: 1h:29m:14s

Quando e como aprendeu a capoeira? Como foi sua iniciação?

Fale de seus mestres.

Como se vê como educador?

Como criou seu jeito de ensinar?

### **ENTREVISTA 4**

Data: 6 de fevereiro de 2018

Local: Coroa – Ilha de Vera Cruz – BA

Participante: Danuza

Duração: 52m:18s

Mestre, fale sobre esse pensamento que o senhor criou: “Capoeira na Roda, Capoeira na Vida”.

Qual sua opinião sobre a capoeira Patrimônio Cultural da Humanidade?

Mestre, fale um pouco da origem do Grupo Capoeira Angola Palmares e seu símbolo.

## APÊNDICE B - ROTEIRO ENTREVISTA ALUNOS

Camarada:

Como já é de seu conhecimento, estou escrevendo uma dissertação sobre o modo de ensinar a capoeira de Mestre Nô e gostaria muito de sua contribuição e apoio.

Gostaria que gravasse um vídeo respondendo resumidamente as seguintes perguntas:

1. Qual sua opinião sobre o modo de ensinar a capoeira de Mestre Nô?
2. Comente sobre: “Capoeira na Roda, Capoeira na Vida!”
3. O quê Mestre Nô representa em sua vida?

Orientações sobre o vídeo: Escolha um lugar na rua com um dia de sol. Pode ser filmado com um celular, mas na posição horizontal. A duração do vídeo com no máximo dois minutos.

Favor assinar e enviar a autorização em anexo.

Você foi escolhido pela importância que tem na vida de Mestre Nô.

Desde já, agradeço!

Jô Capoeira

## APÊNDICE C - TERMO DE CONSENTIMENTO



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Título do Projeto: A Arte de Ensinar a Capoeira, na Roda e na Vida:  
Saberes e fazeres de Norival Moreira de Oliveira – Mestre Nô

Pesquisadora Responsável: Joseane Pinho Corrêa

Orientadora da Pesquisa: Dra. Joana Célia dos Passos

Ao Sr.

Norival Moreira de Oliveira (Mestre Nô)

Coordenador do Grupo Capoeira Angola Palmares

Prezado Senhor,

O convidamos a participar do projeto de pesquisa *A Arte de Ensinar a Capoeira, na Roda e na Vida: Saberes e fazeres de Norival Moreira de Oliveira – Mestre Nô*, desenvolvido pela pesquisadora Joseane Pinho Corrêa, sob a orientação e responsabilidade da Dra. Joana Célia dos Passos, a qual obedece aos termos da Resolução nº 466, do Conselho Nacional de Saúde, de 12 de dezembro de 2012, e suas complementares, bem como, as determinações da Comissão de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da UFSC.

O presente projeto de pesquisa está sendo realizado no Programa de Pós-Graduação em Educação, do Centro de Ciências de Educação da UFSC. O principal objetivo é analisar o modo de ensino da capoeira construído por Vossa Senhoria, levantar e caracterizar seus princípios didáticos, seus valores humanísticos, seus conhecimentos históricos, relacionando com elementos teóricos da pedagogia de Paulo Freire. Os procedimentos metodológicos serão realizados através de uma pesquisa biográfica e documental, a fim de registrar e compreender a vossa trajetória, analisando ideias e ações de sua prática pedagógica.

Ao colaborar com esta pesquisa, pode ser que alguma pergunta da entrevista ocasione algum desconforto ao relembrar e relatar momentos de sua vida pessoal. Em decorrência disso, a pesquisadora assegurará a bom termo que somente seja publicado o que tiver vosso consentimento. Buscaremos minimizar os riscos, tendo cuidado de permitir que Vossa Senhoria se sinta à vontade em responder ou não as perguntas formuladas, bem como, garantindo que se retirem da pesquisa a qualquer momento, sem necessidade de oferecer justificativas.

Os benefícios que Vossa Senhoria terá são o (re) conhecimento de sua prática docente, seu modo de ensinar a capoeira para a identificação dos saberes e o registro de sua trajetória como mestre de capoeira, guardião da cultura popular brasileira. Nessa forma de pesquisa, você será identificado no projeto, dando visibilidade aos processos de aprendizagem dos muitos mestres de Capoeira já formados com sua base de ensino.

Durante a realização da pesquisa, estará sempre acompanhado da pesquisadora. É importante salientar que a sua participação na pesquisa é voluntária, portanto, poderá interromper sua participação a qualquer momento, sem prejuízo a você ou ao estudo. Todos os dados coletados serão submetidos à sua aprovação. Informamos também que as entrevistas e os dados coletados serão armazenados com segurança pela responsável da pesquisa.

Os resultados da pesquisa serão utilizados exclusivamente para a dissertação de mestrado e outros fins acadêmicos, tais como: comunicações em congressos nacionais internacionais, artigos e capítulos de livro.

Vossa Senhoria não terá custo, nem receberá recursos financeiros para participar da investigação. Durante ou após o encerramento da pesquisa, você poderá solicitar acompanhamento ou informações sobre qualquer aspecto relacionado à pesquisa. A legislação não permite que tenha qualquer compensação financeira, caso ocorram despesas não previstas durante a pesquisa ou qualquer imprevisto, a pesquisadora arcará com o ônus ou garantirá o ressarcimento. O ressarcimento dessas despesas por eventuais danos diretos ou indiretos relacionados com pesquisa está previsto na lei, como a integridade física do participante. O participante será indenizado caso lhe sobrevenha algum dano decorrente da participação na pesquisa.

Este estudo está respaldado na Resolução 466/2012, criada pelo Conselho Nacional de Saúde, o qual preconiza a segurança e proteção dos participantes de pesquisas que envolvem seres humanos, e segue todas as diretrizes e procedimentos da Comissão de Ética da UFSC. Também tem



autorização da UFSC para realização da pesquisa e tem o devido registro na Plataforma Brasil.

Esta pesquisa é orientada pela Professora Doutora Joana Célia dos Passos e conduzida pela mestrande Joseane Pinho Corrêa, ambas do Programa de Pós-Graduação em Educação-CED/UFSC.

Esse documento tem duas vias: uma cópia ficará com a pesquisadora e outro com Vossa Senhoria, como comprovante do aceite em participar da pesquisa. Ambas assinadas por você e pela pesquisadora.

Esta pesquisa será submetida e aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da UFSC (CEPSH-UFSC), e-mail: cep.propesq@contato.ufsc.br, Reitoria II, 4º andar, sala 401, localizado na Rua Desembargador Vitor Lima, nº 222, Trindade, Florianópolis. Telefone para contato: 3721-6094.

Por fim, ainda gostaria de declarar que, como pesquisadora, cumprirei todas as exigências contidas no item IV.3 da Resolução nº 466/12, que regulamenta os procedimentos a serem adotados em pesquisas envolvendo seres humanos. Durante todo o período da pesquisa, você tem o direito de tirar qualquer dúvida ou pedir qualquer outro esclarecimento, bastando para isso entrar em contato com a pesquisadora, a orientadora ou com o Conselho de Ética em Pesquisa.

Salientamos que estamos à disposição para todo e qualquer esclarecimento que se faça necessário, nos seguintes endereços:

a) Professora orientadora: Dra. Joana Célia dos Passos, telefone (48) 96178644; email: passos.jc@gmail.com; ou no endereço residencial: Rua Moçambique, 897, Rio Vermelho, 88060-415, Florianópolis, SC; endereço profissional: Universidade Federal de Santa Catarina - Centro de Ciências da Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Bairro Trindade / Florianópolis/SC - CEP 88040-900 Fone: (48) 37212251 / Fax: (48) 3721-8638 / [ppge@contato.ufsc.br](mailto:ppge@contato.ufsc.br)

b) Pesquisadora: Joseane Pinho Corrêa, telefone (48) 98412-5266, e-mail jocapoeirapalmares@gmail.com; ou no endereço residencial: Rua Edison Lopes da Silva, 393, Coqueiros - Florianópolis-SC CEP: 88080-055; endereço profissional: NEI Coqueiros – Rua Bento Goiás, 185 – Coqueiros - Florianópolis CEP: 88080-150 Fone: (48) 3348 2033.

c) Comitê de Ética em Pesquisas com Seres Humanos (CEPSH-UFSC). Telefone para contato: 3721-6094. cep.propesq@contato.ufsc.br. Reitoria II, 4º andar, sala 401, localizado na Rua Desembargador Vitor Lima, nº 222, Trindade, Florianópolis. Telefone para contato: (48) 3721-6094.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO - CED/UFSC  
LINHA DE PESQUISA: ENSINO E FORMAÇÃO DE EDUCADORES

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Título do Projeto: A Arte de Ensinar a Capoeira, na Roda e na Vida: Saberes e fazeres de Norival Moreira de Oliveira – Mestre Nô

Pesquisadora Responsável: Joseane Pinho Corrêa

Orientadora da Pesquisa: Dra. Joana Célia dos Passos

Eu, Norival Moreira de Oliveira, RG nº 62158236 declaro ter sido informado e concordo em participar, como participante, do projeto de pesquisa acima descrito. Declaro que fui informado dos objetivos da pesquisa acima de maneira clara e detalhada. Certificaram-me de que todos os dados desta pesquisa serão confidenciais. Sei que, em qualquer momento, poderei solicitar novas informações e modificar a minha decisão, se assim o desejar. Recebi uma cópia deste termo de consentimento livre e esclarecido e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

Florianópolis, 13 de fevereiro de 2017.

A handwritten signature in blue ink, reading "Norival Moreira de Oliveira (Mestre Nô)".  
Nome e assinatura do participante da pesquisa

A handwritten signature in blue ink, reading "Joseane Pinho Corrêa".  
Nome e assinatura do responsável pela pesquisa

**ANEXOS**



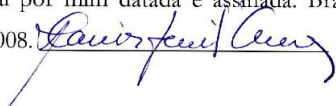
**Serviço Público Federal**  
**Ministério da Cultura**  
**Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN**

**CERTIDÃO**

*CERTIFICO* que no Livro de Registro dos Saberes, volume primeiro, do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional/Iphan, instituído pelo Decreto número 3.551, de 4 de agosto de 2000, consta à folha 8, verso, o seguinte: “Registro número 5. Bem cultural: **Ofício dos Mestres de Capoeira**. Descrição: A capoeira é uma manifestação cultural presente hoje em todo o território brasileiro e em mais de 150 países, com variações regionais e locais criadas a partir de suas “modalidades” mais conhecidas: as chamadas “capoeira angola” e “capoeira regional”. O conhecimento produzido para a instrução do processo permitiu identificar os principais aspectos que constituem a capoeira como prática cultural desenvolvida no Brasil: o saber transmitido pelos mestres formados na tradição da capoeira e como tal reconhecidos por seus pares; e a roda onde a capoeira reúne todos os seus elementos e se realiza de modo pleno. O **Ofício dos Mestres de Capoeira** é exercido por aqueles detentores dos conhecimentos tradicionais desta manifestação e responsáveis pela transmissão oral das suas práticas, rituais e herança cultural. Largamente difundida no Brasil e no mundo, a capoeira depende da manutenção da cadeia de transmissão desses mestres para sua continuidade como manifestação cultural. O saber da capoeira é transmitido de modo oral e gestual, de forma participativa e interativa, nas rodas, nas ruas e nas academias, assim como nas relações de sociabilidade e

A handwritten signature in blue ink, appearing to be 'J.A.', is located at the end of the text.

familiaridade construídas entre mestres e aprendizes. Esta descrição corresponde à síntese do conteúdo do processo administrativo nº 01450.002863/2006-80 e Anexos, no qual se encontra reunido um amplo conhecimento sobre este Saber, contido em documentos textuais, bibliográficos e audiovisuais. O presente Registro está de acordo com a decisão proferida na 57ª reunião do Conselho Consultivo do Patrimônio Cultural, realizada no dia 15 de julho de 2008. Data do Registro: 21 de outubro de 2008”. E por ser verdade, eu, Marcia Genésia de Sant’Anna, Diretora do Departamento do Patrimônio Imaterial do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – Iphan, lavrei a presente certidão que vai por mim datada e assinada. Brasília, Distrito Federal, 20 de novembro de 2008.





**Serviço Público Federal**  
**Ministério da Cultura**  
**Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN**

**CERTIDÃO**

**CERTIFICO** que no Livro de Registro das Formas de Expressão, volume primeiro, do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional/Iphan, instituído pelo Decreto número 3.551, de 4 de agosto de 2000, consta à folha 9, verso, o seguinte: “Registro número 7. Bem cultural: **Roda de Capoeira**. Descrição: A capoeira é uma manifestação cultural presente hoje em todo o território brasileiro e em mais de 150 países, com variações regionais e locais criadas a partir de suas “modalidades” mais conhecidas: as chamadas “capoeira angola” e “capoeira regional”. O conhecimento produzido para a instrução do processo permitiu identificar os principais aspectos que constituem a capoeira como prática cultural desenvolvida no Brasil: o saber transmitido pelos mestres formados na tradição da capoeira e como tal reconhecidos por seus pares; e a roda onde a capoeira reúne todos os seus elementos e se realiza de modo pleno. A **Roda de Capoeira** é um elemento estruturante desta manifestação, espaço e tempo onde se expressam simultaneamente o canto, o toque dos instrumentos, a dança, os golpes, o jogo, a brincadeira, os símbolos e rituais de herança africana – notadamente banto – recriados no Brasil. Profundamente ritualizada, a roda de capoeira congrega cantigas e movimentos que expressam uma visão de mundo, uma hierarquia e um código de ética que são compartilhados pelo grupo. Na roda de capoeira se batizam os iniciantes, se formam e se consagram os grandes

A handwritten signature in black ink, appearing to be the name 'J. A. S.', is written at the end of the text.

mestres, se transmitem e se reiteram práticas e valores afro-brasileiros. Esta descrição corresponde à síntese do conteúdo do processo administrativo nº 01450.002863/2006-80 e Anexos, no qual se encontra reunido um amplo conhecimento sobre esta Forma de Expressão, contido em documentos textuais, bibliográficos e audiovisuais. O presente Registro está de acordo com a decisão proferida na 57ª reunião do Conselho Consultivo do Patrimônio Cultural, realizada no dia 15 de julho de 2008. Data do Registro: 21 de outubro de 2008". E por ser verdade, eu, Marcia Genésia de Sant'Anna, Diretora do Departamento do Patrimônio Imaterial do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – Iphan, lavrei a presente certidão que vai por mim datada e assinada. Brasília, Distrito Federal, 20 de novembro de 2008.

